



PARA TER ONDE IR

Leonel Rodrigues Ferreira



LEONEL RODRIGUES FERREIRA

PARA TER ONDE IR

performatividades madalênicas ou
um mergulho no abismo do meu desejo profundo

memorial artístico apresentada ao programa de Pós-Graduação
em Artes da Universidade Federal do
Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.
Linha de Pesquisa: Poéticas e processos de atuação em artes.

Aprovada em Belém, 30/08/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Orientadora
Iara Regina Souza

Prof^a. Dr^a.
Membro da Banca Karine Jansen

Prof^a. Dr^a.
Membro da Banca Larissa Latif

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a)
autor(a)

F383p Ferreira, Leonel Rodrigues.
Para ter onde ir : performatividades madalênicas ou um
mergulho no abismo do meu desejo profundo / Leonel
Rodrigues Ferreira. — 2023.
109 f. : il. color.

Orientador(a): Prof^a. Dra. Iara Regina Souza
Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará,
Instituto de Ciências da Arte, Programa de Pós-Graduação
em Artes, Belém, 2023.

1. teatro. 2. performance teatral. 3. processo criativo.
4. composição corporal. 5. teatro de grupo. I. Título.

CDD 792.09811



INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA ARTE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES

ATA DE DEFESA PÚBLICA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DO PROGRAMA DE
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ.

Aos trinta (30) dias do mês de agosto do ano de dois mil e vinte e três (2023), às dezenove (19) horas, a Banca Examinadora instituída pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará, reuniu-se, sob a presidência da orientadora professora doutora Iara Regina da Silva Souza, conforme o disposto nos artigos 73 ao 77 do Regimento do Programa de Pós-Graduação em Artes, para presenciar a defesa oral de LEONEL RODRIGUES FERREIRA, intitulada: **PARA TER ONDE IR: Performatividades madalênicas ou um mergulho no abismo do meu desejo profundo**, perante a Banca Examinadora composta por Iara Regina da Silva Souza (Presidente); Larissa Latif Plácido Sare (Examinadora Interna); Ana Karine Jansen de Amorim (Examinadora Externa). Dando início aos trabalhos, a professora doutora Iara Regina da Silva Souza, passou a palavra ao mestrando, que apresentou a sua poética e logo depois falou do memorial com duração total de 1h00, seguido pelas arguições dos membros da Banca Examinadora e as respectivas defesas pelo mestrando, após o que a sessão foi interrompida para que a Banca procedesse à análise e elaborasse os pareceres e conclusões. Reiniciada a sessão, foi lido o parecer, resultando em **aprovado**, com conceito **Excelente, indicação para circulação da poética e publicação do memorial**. A aprovação do trabalho final pelos membros será homologada pelo Colegiado após a apresentação, pelo mestrando, da versão definitiva do trabalho. E nada mais havendo a tratar, a professora doutora Iara Regina da Silva Souza agradeceu aos presentes, dando por encerrada a sessão. A presente ata que foi lavrada, após lida e aprovada, vai assinada, pelos membros da Banca e pelo mestrando.

Belém-PA, 30 de Agosto de 2023.

Prof.^a Dr.^a. Iara Regina da Silva Souza

Prof.^a. Dr.^a. Larissa Latif Plácido Sare

Prof.^a Dr.^a. Ana Karine Jansen de Amorim

Leonel Rodrigues Ferreira



LEONEL RODRIGUES FERREIRA

PARA TER ONDE IR

performatividades madalênicas ou um mergulho no abismo do meu desejo profundo
memorial artístico apresentado ao programa de
Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do
Pará como requisito para obtenção do título de Mestre em Artes.
Linha de Pesquisa: Poéticas e processos de atuação em artes.

Aprovada em Belém, 30/08/2023.

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a Dr^a Orientadora
Iara Regina Souza

Prof^a. Dr^a.
Membro da Banca Karine Jansen

Prof^a. Dr^a.
Membro da Banca Larissa Latif

Para Ícaro e
Luma, minhas revoluções.

Iracema, minha mãe (in memoriam).

Para Dina Mamede (in memoriam).

Para Afonso Galindo (in memoriam)

e Willame Diniz (in memoriam)

30/08/2023

Agradecimentos

Aos amigos e irmãos do Grupo Escoteiro Mauá 10º PA, onde tudo começou;

Às Madalenas Carol, Diego, Flavio, Marta, Michele, Rodrigo e Tainah, parceiros e amigos que o teatro me deu pra vida toda;

Aos integrantes do Casarão do Boneco, que possibilita o exercício da construção da cena e fortalecimento do afeto para além das quatro paredes do Casarão;

À Iara Regina, pelas palavras francas, amigáveis e necessárias para a construção desse memorial;

Às professoras e professores do PPGARTES, por ter oportunizado dias intensos, vibrantes e calorosos durante as aulas;

Aos colegas da turma 2021/2023 pelas conversas, trocas, apoio e suportes durante o percurso trilhado;

À Carol Abreu, minha amiga e parceira de trabalho, pesquisas, perrengues, correrias e sonhos, que me estendeu a mão durante todo o fazer deste memorial;

Aos amigos José Maria Bezerra, Thiago Ferradaes, Pauer Martins e Carlos Hernandes pelo apoio incondicional desde o primeiro convite;

À Danielle Santos, mãe do Ícaro, que sempre me socorre traduzindo os textos quando preciso e pela longa e eterna amizade;

Às minhas irmãs Karla e Ivana, e ao meu irmão Nelson pelo apoio incondicional desde quando tudo era brincadeira no Grupo Escoteiro Mauá;

Ao Seu Bandeira, meu pai, que do seu jeito, com poucas palavras, demonstrava seu amor, trazendo revistas para lermos em casa, me levava para "vagabundear" aos sábados em sua bicicleta e me deixava mexer no toca disco da sala de casa. O senhor é o melhor contador de histórias que conheço;

À Luciana Malcher, por me permitir caminhar ao seu lado; Pela sua compreensão e apoio durante os dias que precisei me ausentar para concluir este trabalho e outros que surgiram; Por ser a melhor mãe que a Luma poderia ter e por me proporcionar o maior e mais intenso espetáculo que já vivi, que foi o parto de nossa filha.

"O fim
está no começo,
e no entanto,
continua-se".

(Samuel Beckett)

Resumo

"Para ter onde ir: performatividades madalênicas ou um mergulho no abismo do meu desejo profundo" é um memorial de mestrado em artes, em que apresento os procedimentos artísticos de dois espetáculos performativos da **Cia. de Teatro Madalenas**, de Belém do Pará, encenados nos anos de 2003 e 2015, resultando, assim, um novo espetáculo performativo. Tal ato poético articulou os procedimentos artísticos utilizados pelas "Madalenas", com outros que fazem parte da minha trajetória como artista da cena, principalmente fazendo uso dos Viewpoints, a ressignificação do espaço urbano como dramaturgia, além das minhas memórias pessoais. Para a concepção do espetáculo performativo, estabeleço um diálogo entre Viewpoints e Composição a partir dos estudos de Anne Bogart e Tina Landau; os estudos a respeito do Teatro de Invasão, de André Carreira; as poesias de Max Martins, da obra Para ter onde ir e experimentações em vídeo arte.

Palavras-chave: Teatro, Performatividade, Processo Criativo, Composição Corporal, Vídeo arte.

Abstract

To have where to go: Magdalenian performativities or a dive into the abyss of my deep desire" is a memorial for a master's degree in arts, in which I present the artistic procedures of two performative shows by "Teatro Madalenas Company", from Belém do Pará, staged in the years 2003 and 2015, thus resulting in a new performative show. Such a poetic act articulated the artistic procedures used by the "Madalenas" company, with others that are part of my trajectory as a scene artist, mainly making use of Viewpoints, the re-signification of urban space as dramaturgy, in addition to my personal memories. For the conception of the performative show, I establish a dialogue between Viewpoints and Composition based on the studies of Anne Bogart and Tina Landau; the studies about "The invasion Theater", by André Carreira; Max Martins' poems, from the work "To have where to go" and experimentation in video art.

Keywords: Theater. Performativities. Creative process. Body composition. Video art.

Palavras-chave: Teatro. Performatividade. Processo Criativo. Composição Corporal. Vídeo arte.

LISTA DE FOTOGRAFIAS

- Fotografia 1: Apresentação Instalação Cênica - 7 anos de teatro do movimento da Companhia de Atores Contemporâneo. 20
- Fotografia 2: Matéria veiculada no jornal O Liberal, fevereiro de 2001 sobre o espetáculo Paixão Barata & Madalenas. 22
- Fotografia 3: Informativo Cultural da Secult- fev/2002, 23
- Fotografia 4: Matéria Jornal O Liberal - fev/2001, 23
- Fotografia 5: Banner da campanha Fui e Recomendo do espetáculo Corpo Santo idealizado por Carol Abreu, em 2010. 26
- Fotografia 6: Montagem espetáculo Hamlet da UNIPOR, 1993, 30
- Fotografia 7: Frame do filme O Chamado. 31
- Fotografia 8: Foto do Palacete Bolonha, 33
- Fotografia 9: Flyer de divulgação do espetáculo À Flor da Pele, 2003, 34
- Fotografia 10: Programa do espetáculo À Flor da Pele (externo). 35
- Fotografia 11: Programa do espetáculo À Flor da Pele (interno). 35
- Fotografia 12: Matéria publicada no jornal O Liberal- ago/2003, 36
- Fotografia 13: Matéria publicada no jornal Diário do Pará - ago/2003, 37
- Fotografia 14: Cena Aquele Dois - espetáculo À Flor da Pele, 38
- Fotografia 15: Cena Aquele Dois - espetáculo À Flor da Pele, 39
- Fotografia 16: Cena A Escritora - espetáculo À Flor da Pele, 40
- Fotografia 17: Cena o Herdeiro - espetáculo À Flor da Pele, 41
- Fotografia 18: Cena A Escritora - espetáculo À Flor da Pele, 41
- Fotografia 19: Cena Café da Manhã - espetáculo À Flor da Pele, 36
- Fotografia 20: Cena O Poeta - espetáculo À Flor da Pele, 36
- Fotografia 21: Roteiro de ações do espetáculo À Flor da Pele, 37
- Fotografia 22: Terminal Rodoviário de Belém, 45
- Fotografia 23: Terminal Hidroviário de Belém, 45
- Fotografia 24: Processo de decupagem das cenas do espetáculo A Estação, 46
- Fotografia 25: Processo e decupagem das cenas do espetáculo A Estação, 47
- Fotografia 26: Processo de criação- estudo sobre os textos espetáculo A Estação, 48
- Fotografia 27: Composições corporais - viewpoints espetáculo A Estação, 51
- Fotografia 28: Composições corporais - viewpoints espetáculo A Estação, 52
- Fotografia 29: Composições corporais - viewpoints espetáculo A Estação, 53
- Fotografia 30: Composições corporais - viewpoints espetáculo A Estação, 54
- Fotografia 31: Caderno de anotações espetáculo A Estação, 55
- Fotografia 32: Caderno de anotações espetáculo A Estação, 55
- Fotografia 33: Flyer de divulgação do espetáculo A Estação - temporada no Terminal Rodoviário de Belém, 56
- Fotografia 34: Apresentação do espetáculo A Estação no Terminal Rodoviário de Belém, 57
- Fotografia 35: Apresentação do espetáculo A Estação no Terminal Rodoviário de Belém, 58
- Fotografia 36: Apresentação do espetáculo A Estação no Terminal Rodoviário de Belém, 59
- Fotografia 37: Flyer de divulgação do espetáculo A Estação no Terminal Hidroviário de Belém, 60
- Fotografia 38: Apresentação do espetáculo A Estação no Terminal Hidroviário de Belém, 61
- Fotografia 39: Apresentação do espetáculo A Estação no Terminal Hidroviário de Belém, 62
- Fotografia 40: matéria publicada no jornal Diário do Pará, 63
- Fotografia 41: Espaço Cultural Casarão do Boneco, 67
- Fotografia 42: Casa da Pedreirinha , bairro do Guamá, 68
- Fotografia 43: Eu e meu irmão Nelson no Natal de 1976, 69
- Fotografia 44: Casa da D. Osvaldina , Rua Liberato de Castro, no bairro do Guamá, 70
- Fotografia 45: Casa da D. Ivanete, na Rua Liberato de Castro, bairro do Guamá, 71
- Fotografia 46: Casa do Cj. Marilda Nunes, bairro do Marco, 73
- Fotografia 47: Casa do Cj. Guajará I, no bairro do Coqueiro, 73
- Fotografia 48: Estação BRT Mangueirão, 75
- Fotografia 49: Espetáculo Para ter onde ir - cena Portal, 76
- Fotografia 50: Espetáculo Para ter onde ir - cena Marina, 76
- Fotografia 51: Espetáculo Para ter onde ir - cena Marina, 77
- Fotografia 52: Espetáculo Para ter onde ir - cena Conversa com passageiro, 78
- Fotografia 53: Espetáculo Para ter onde ir - cena Uma dança para Dina, 78
- Fotografia 54: Símbolo Yin-Yang, 80
- Fotografia 55: Espetáculo Para ter onde ir - cena O Tao do Max projeção dos poemas do livro Para ter onde ir, 81
- Fotografia 56: Espetáculo Para ter onde ir - cena O Tao do Max, 82
- Fotografia 57: Espetáculo Para ter onde ir - cena O Tao do Max, 83
- Fotografia 58: Espetáculo Para ter onde ir - cena uma xícara de café, dois dedos de prosa e um segredo revelado, 85
- Fotografia 59: cartaz do espetáculo Medo, Dúvida e Culpa, produzido pelo Tropa Sênior do G.E. Mauá, 88
- Fotografia 60: cartaz do espetáculo Medo, Dúvida e Culpa da II Mostra de Produção Cultural dos Recuperandos do Sistema Penal do Estado, 88
- Fotografia 61 e 62: processo de criação do espetáculo Para ter onde ir- experimentação de luz, 89-90
- Fotografias 63 e 64: processo de criação do espetáculo Para ter onde ir- experimentação de luz e marcação de cena, 91-92
- Fotografias 65 e 66: processo de criação do espetáculo Para ter onde ir Composição corporal cena O Tao do Max, 93-94
- Fotografias 67 e 68: ensaios do espetáculo Para ter onde ir, 95-96
- Fotografias 69 e 70: bastidores da cena A Cabana: portal do que será? 97-98
- Fotografias 71 e 72: bastidores da cena Uma Outra Estação - de passagem, 99-100
- Fotografias 73 e 74: bastidores da cena A Cabana: portal do que será?, 100-101
- Fotografias 75 e 76: bastidores da cena A Cabana: portal do que será?, 101-102
- Fotografias 77 e 78: Bastidores da cena Uma Outra Estação - de passagem, 102-103
- Fotografia 79: Bastidores da cena Uma Outra Estação - de passagem, 103
- Fotografia 80: Bastidores da cena Para ter onde ir, 104

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO: o rio que sou eu não sei. Ou me perdi. 10

Cena 1: A Cia de Teatro Madalenas - "tua casa não é lugar de ficar, mas de ter de onde se ir". 17

Cena 2: Procedimentos e performatividades madalênicas - "as águas lançantes que tu mesmo atraíste". 29

À Flor da pele. 29

Textos e canções relacionados aos desejos pessoais - "pois que há uma canção em ti submarina". 31

Teatro e outras mídias - "Sê criativo o dia todo". 31

O espaço cênico - "varre a tua cabana e expõe ao sol tua língua". 32

As músicas dos personagens nas cenas do café da manhã - "maleável, reflexivo, cauteloso...". 34

A Estação - o outro espetáculo performativo. 44

Os procedimentos - "entrega-te ao que estás criando e segue-o". 45

Os viewpoints utilizados. 50

Cena 3: Para ter onde ir - o espetáculo performativo. 64

Cena 1: A CABANA - portal do que será? 67

Cena 2: UMA OUTRA ESTAÇÃO - de passagem 74

Cena 3: POR ONDE IR. 79

Cena 4: O TAO DO MAX MARTINS. 80

Cena 5: UMA XÍCARA DE CAFÉ, DOIS DEDOS DE PROSA E UM SEGREDO GUARDADO. 84

Cena 6: PARA TER ONDE IR - um outro portal. 85

Considerações finais ou "O rio que eu sou não sei. Ou me perdi". 87

REGISTROS DO PROCESSO DE CRIAÇÃO DO ESPETÁCULO "PARA TER ONDE IR". 89

Referências ou um ramo de loucura. 105

Anexos: quatro perguntas para as Madalenas. 108

Introdução

"Para ter onde ir: performatividades madalênicas ou um mergulho no abismo do meu desejo profundo"¹, é o resultado da minha pesquisa em arte em forma de memorial artístico, o qual me debrucei sobre os procedimentos poéticos dos espetáculos performativos produzidos pela "Cia. de Teatro Madalenas", em particular À FLOR DA PELE (2003) e A ESTAÇÃO (2015), além disso, apresento o espetáculo performativo "Para ter onde ir" concebido a partir dos procedimentos poéticos utilizados pelas "Madalenas" nos espetáculos À Flor da Pele e A Estação.

Eu me pergunto se não fosse as "Madalenas", o que seria de mim? E se ao invés de me juntar e atender ao chamado para formar um grupo de teatro em 2001, quando eu estava cursando o segundo ano do Curso Livre em Teatro da Escola de Teatro e Dança da UFPA, eu tivesse ido bater na porta do Miguel Santa Brígida² pedindo para voltar para os Atores Contemporâneos? E se eu tivesse ficado de vez em Macapá, quando mudei de mala e cuia para aquela cidade em 2003? E se tivesse abandonado essa coisa toda de teatro e tivesse me dedicado única e exclusivamente às ciências sociais como sociólogo?

É comum entre nós, fazedores de teatro, afirmar de maneira objetiva e sintética que o teatro é arte do encontro. Não tenho dúvidas disto. Em 2023 eu completo 30 anos de encontros teatrais. E muito me orgulha em dizer que o meu primeiro espetáculo teatral se deu na Fundação Curro Velho, Ubu Rei, sob a direção de Astrea Lucena, uma das maiores atrizes da cena paraense e em plena atividade. E foi lá no Curro Velho que conheci de perto a Wlad Lima³. Só conhecia dos palcos. Mas lá no Curro Velho, ela estava sempre por perto acompanhando os ensaios do espetáculo Ubu Rei, sempre dando sugestões, propondo outros olhares e tudo aquilo me deixava com a alma leve, plena e convicto que era aquilo que eu queria pra minha vida.

¹ A frase "mergulho no abismo do desejo profundo" é creditada a Miguel Santa Brígida. No programa Sem Censura Pará, da TV Cultura, ele conceituou que teatro é mergulhar no abismo do desejo profundo. Fiquei com aquela frase na cabeça durante dias. Ela foi o disparador para a montagem do espetáculo À Flor da Pele, em 2003.

² Miguel Santa Brígida, encenador e diretor teatral. Em 1991 criou a Companhia de Atores Contemporâneos onde, através de uma dramaturgia do corpo privilegia um teatro não verbal e recorre intensivamente ao corpo como elemento orgânico, vigoroso.

³ Wlad Lima, atriz, encenadora e diretora de teatro na cena paraense. Professora e pesquisadora da UFPA.

Wlad me chamou para a montagem de Hamlet, que ela estava montando na UNIPOP porém eu declinei o convite, pois os ensaios eram à noite e naquela época eu trabalhava até às 21h.

Mas o mundo deu voltas e quis o destino (será mesmo?) que em 2000 eu a encontrasse na ETDUFPA e ela foi uma das diretoras responsáveis pela montagem do espetáculo "Paixão Barata & Madalenas". E eu que havia adiado o sonho de estudar na ETDUFPA em 1993. Parecia tão distante por conta dos outros compromissos. Parecia um sonho impossível de ser realizado. Mas como diz a banda Ira!, "sonhar com quê?"

*"...Quando amanhece, Os jovens dispersam, Conversam sobre a noite,
Saudades, momentos, horas sem fim, Voltam para casa e não tentam fugir,
A comida está fria, não conseguem engolir.*

Família, desprezo, rapaz ruim, Novela, dinheiro, sonhar com quê?

Trabalho, cansaço, o fim do mês, Revistas, modelos, sonhar com quê?"⁴

Eu queria fazer teatro mas queria ser sociólogo também. Eu já trabalhava e tinha compromissos financeiros na casa da mamãe. Eu com vinte anos de idade sem saber por onde ir...

*"...Sou meu próprio líder: ando em círculos
Me equilíbrio entre dias e noites
Minha vida toda espera algo de mim
Meio-sorriso, meia-lua, toda tarde."⁵*

Me dividia entre Casa - Curro velho - Trabalho - Casa. Eu passava o dia todo fora de casa. Das vinte e quatro horas do dia, onze delas eu passava na rua, sempre com pessoas das mais diferentes formações e vivências. Encontros que foram me dando pistas, mostrando possibilidades de caminhos, por onde ir. No final da noite, por volta das vinte duas horas eu chegava em casa. Ia dormir às vinte três e às sete da manhã estava de pé para iniciar tudo novamente. Não me incomodava com aquela rotina pois era tudo tão dinâmico, corrido, intenso que a semana passava voando. E eu só tinha vinte anos.

⁴ Música "Sonhar com quê", da banda paulista Ira!, do disco Mudança de Comportamento, de 1985.

⁵ Música "A Montanha Mágica", da banda Legião Urbana. A música foi lançada em 1991 no disco V.

Quando entrei na Universidade da Amazônia -UNAMA, para cursar Ciências Sociais, em 1995, eu tive que fazer uma pausa no fazer teatral, quer dizer, eu me voltei para as montagens de peças curtas no Grupo Escoteiro Mauá, onde eu era chefe-escoteiro da Tropa Sênior, que era formada por adolescentes com idade entre 15 à 17 anos. Era uma "esponja", absorvia tudo o que via e influenciado por tudo que eu tinha assistido nos teatros de Belém, mas principalmente pelo trabalho de Miguel Santa Brígida com o seu teatro do movimento. É dessa época Medo, Dúvida e Culpa, uma peça curta com poucos diálogos e mais expressões corporais, que era o termo que eu usava para explicar o trabalho. Os seniores ensaiaram por três meses, mas por questões técnicas a peça nunca foi apresentada... Quer dizer, foi apresentada em 2003, oito anos depois, como resultado das aulas de teatro com internos do Presídio Estadual Metropolitano - PEM, da Superintendência do Sistema Penal do Pará - SUSIPE.

Esses encontros casuais que aconteceram em minha vida, foram me levando por um caminho paralelo aos das "Madalenas", pois eu senti a necessidade de investigar outras técnicas e métodos de atuação. Foi de forma casual que esses caminhos foram se apresentando para mim. E eu fui indo. Enxerguei nos viewpoints a possibilidade de investigação como um propósito para a vida teatral e aperfeiçoar minha prática teatral com a intenção de utilizar a técnica nos processos de criação da Cia. E com as montagens de A Estação (2014) e Marahu (2016) foi possível experimentar os viewpoints nas "Madalenas". E agora a mesma técnica se apresenta em "Para ter onde ir" além dos outros procedimentos tais como o teatro de invasão, teatro híbrido e os poemas de Max Martins⁶, poeta paraense que tenho me dedicado desde 2016 em adaptar seus poemas para o teatro. E aqui cabe um destaque a respeito de Max Martins. Max é um dos maiores poetas do Brasil. A primeira vez que tive contato com sua obra foi em 1993 por ocasião das provas do vestibular da UEPA - Universidade do Estado do Pará com o poema Ver-O-Peso. Ali eu fui capturado por Max:

Ver-O-Peso

A canoa traz o homem
a canoa traz o peixe
a canoa tem um nome
no mercado deixa o peixe
no mercado encontra a fome
a balança pesa o peixe
a balança pesa o homem
a balança pesa a fome
a balança vende o homem
vende o peixe
vende a fome
vende e come
a fome vem de longe
nas canoas
ver o peso
come o peixe

o peixe come
o homem?
vende o nome
vende o peso
peso de ferro
homem de barro
pese o peixe
pese o homem
o peixe é preso
o homem está preso
presa da fome
ver o peixe
ver o homem
vera morte
vero peso.

⁶ Max Martins (1926-2009) é poeta paraense nascido em Belém. Sua poesia completa reúne 11 obras, dentre elas Para ter onde ir, de 1992, que é parte fundante do processo de criação do espetáculo performativo que empresto o mesmo nome para nominar o presente memorial.

Passei a acompanhar Max Martins nos eventos culturais em Belém e sempre com o desejo de adaptar para o teatro seus poemas.

Em 2004, numa das oficinas que ministrei na Fundação Curro Velho, apresentei alguns poemas para os alunos da oficina e a partir deles criamos mímicas e partituras corporais que foram apresentadas como resultado da oficina. Quem assistiu elogiou e disse que poderia ser aprofundado, que daria um bom caldo, como costumamos dizer no jargão popular. Fiquei com aquilo na cabeça durante anos.

Quando Max Martins partiu para o plano espiritual em 2009, eu estava completamente envolvido com o meu trabalho como sociólogo e um tanto afastado das atividades teatrais. E quando soube da sua partida, um misto de desconsolo e tristeza... Não fui ao velório. E a ideia de adaptar seus poemas para o teatro ressurgiu novamente. Mas foi só em 2016, através de um prêmio do Seiva, do antigo Instituto de Artes do Pará - IAP, que foi possível o primeiro exercício experimental em trazer para o teatro os poemas de Max Martins, com o espetáculo "Marahu". Naquele ano eu decidi me dedicar em mergulhar no universo poético de Max Martins. Em 2018, por ocasião dos meus 25 anos de carreira artística, encenei "Um homem sem títulos", nome emprestado de um dos poemas de Max, onde prestei singela mensagem ao poeta. A partir do Um homem sem títulos, me aproximei das filhas de Max, passei a pesquisar mais sobre o que se escreveu sobre ele, e foi algo natural quando me vi tendo que encenar um espetáculo performativo como parte do meu memorial em arte e tendo Max Martins como um dos indutores e referência.

Acredito que esse é um caminho sem volta, que cada vez mais vai se agigantando, desdobrando outras possibilidades. Onde chegarei? Não importa. O que importa é o caminho. Entregar-se ao que se está criando e seguir. Um ramo de loucura, como diria Max Martins e durante o processo de criação e experimentação do Para ter onde ir, quando vi sozinho na sala de ensaio, inseguro e apreensivo, pois era a primeira vez que via naquela condição, mais uma vez tive a certeza que teatro é arte do encontro. E semanas depois os parceiros foram chegando para edificar o espetáculo, opinando, sugerindo, avaliando. E é nesses encontros que me faço pleno e inteiro. Me permito a insegurança e o medo. O fracasso e a incerteza. Mas tudo é lugar de partida. Chão para se pisar com os pés firmes, tocar com delicadeza pois é preciso seguir.

E nesse percurso de ir seguindo me vi diante do espetáculo performativo "Para ter onde ir" e tendo que organizar as ideias, as imagens que eu acessei para relembrar dos espetáculos À Flor da Pele e o A Estação. Fui tomado por sensíveis e profundas emoções. Rever cada processo, revirar cadernos antigos, rever matérias de jornais.

Este memorial está dividido em três capítulos que aqui denomino de cenas, tal qual a de um espetáculo de teatro e para tanto, utilizei como percurso metodológico e teórico, os estudos de Anne Bogart e Tina Landau sobre os Viewpoints, bem como os procedimentos de um teatro de invasão, sob a ótica de André Carreira e como tecido poético que costura os procedimentos e a encenação final do espetáculo performativo "Para ter onde ir", os poemas do poeta paraense Max Martins.

Na cena 1, apresento a Cia de Teatro Madalenas, da qual faço parte desde a sua fundação em novembro de 2001. Destaco alguns aspectos importantes sobre as escolhas estéticas e concepções políticas das Madalenas bem como os acontecimentos que antecederam a criação da Companhia e que foram determinantes para a sua constituição.

Já na cena 2, me debruço sobre os procedimentos adotados pela Cia. de Teatro Madalenas na concepção de dois espetáculos performativos dada as suas características e especificidades estéticas, o À Flor da Pele (2003) e A Estação (2015), em que a performance, a vídeo arte e a utilização do espaço urbano como dramaturgia são traços significativos.

E na cena 3, eu descrevo os conceitos e procedimentos poéticos utilizados por mim na construção do espetáculo performativo, a partir das inferências dos procedimentos adotados pelas Madalenas nos seus espetáculos "À Flor da Pele" e "A Estação", bem como dos procedimentos adotados a partir das minhas escolhas estéticas, pessoais e das experimentações teatrais.

A música sempre exerce uma grande influência em meus trabalhos artísticos. Com o "Para ter onde ir" não foi diferente. As canções chegavam de forma espontânea e ocasionais e de repente eu me vi diante de um portal. Acessei memórias também que pudessem colaborar com o processo de criação, revisitando alguns escritos, poemas, imagens, cadernos de anotações... Evito ter contato com audiovisual para não me deixar influenciar, a fim de não correr o risco de me ver reproduzindo algo que poderá ser confundido como uma cópia, por mais que possa ser justificado com releitura ou até mesmo com referência.

Durante três meses (de novembro/2022 a janeiro/2023), durante o período da noite, ocupei o Casarão do Boneco para colocar em prática tudo que eu havia reunido em meu caderno de anotações, bem como no bloco de notas do aparelho celular. A partir de um roteiro de ação inicial dividi o processo de criação entre as cenas físicas, aquelas que não dependiam de ninguém para eu levantá-las, e as cenas que seriam filmadas e que precisavam de apoio de outras pessoas.

No primeiro mês me dediquei a experimentar as composições corporais a partir dos viewpoints, bem como selecionar textos poéticos que pudessem ser aproveitados durante essa fase de criação. Poemas que fizessem referências as partidas, escolhas, despedidas, de forma que fosse possível fazer um cruzamento com os poemas de Max Martins, buscando uma harmonia e diálogo com a obra do poeta paraense e com a obra em criação como um todo. E assim sendo, cheguei em Fernando Pessoa, José Régio, Virgínia Woolf, dentre outros. Fase delicada e muito sensível do trabalho pois considero que tudo precisa estar muito bem alinhado, por mais que se trate de uma obra em construção, aberta, mas os fios que se ligam às outras partes da obra, precisam fazer sentido. Nesses termos, afirmo que sou um tanto quanto rigoroso com o que se escreve e diz numa obra teatral por mais experimental ou performativa que seja.

Em dezembro foi o período que registrei a minha ida às casas onde morei com a minha mãe, que foram usadas com portal que se abre e me transporta para um outro plano, um outro lugar, tendo o poema A cabana, de Max Martins, como fio condutor que liga as imagens das casas com o local de gravação na Estação BRT do Mangueirão, onde se passa a cena onde faço uso dos procedimentos de teatro de invasão.

No mês de janeiro, me dediquei para levantar as demais cenas, principalmente a cena denominada O Tao de Max, onde danço os poemas do livro Para ter onde ir, de Max Martins. Fiz a escolha do nome dessa cena tendo referência o livro o "Tao de Ching - o livro do caminho e da virtude, de Lao Tse, por ter sido uma das referências do poeta para o seu livro Para ter onde ir. Considero essa uma das cenas mais caras e sensíveis do espetáculo pois não foi uma tarefa fácil selecionar os poemas, definir o formato que seriam apresentados, a trilha da cena, bem como a forma como o público iriam assistir a cena em si. Decidi trazer o público para dentro da cena, fazendo com que ele interaja com o que é produzido em tempo real. Digo que esta cena nunca se repete. A cada apresentação surge algo novo, uma imagem nova, pois a cena congrega composição corporal, vídeo projeção, além de desenhos feitos com tinta durante a execução da cena e o público é convidado para desenhar também. Nesse mesmo período defini as últimas cenas do espetáculo, sendo elas a cena do café da manhã, onde eu convido três pessoas da plateia para um café e conversamos sobre como é café na casa dessas pessoas, o que conversam, se tem alguma tradição, etc. Na oportunidade compartilho algo muito pessoal, um acontecimento que nunca contei pra ninguém ou tão somente para algumas pessoas muito íntimas. Por fim a cena final que é uma espécie de volta ao começo, um jogo que nunca tem fim, o cachorro correndo atrás do próprio rabo, portal que se abre. Mas para onde se vai?

Por fim, nas considerações finais ou o rio que eu sou não sei. Ou me perdi, eu apresento o que pode ser o fechamento deste memorial como algo que é processual, em permanente desconstrução, pois se trata de uma obra em aberto, um caminho a ser seguido. Ou não. Depende das escolhas.





A Cia de Teatro Madalenas - "tua casa não é lugar de ficar,
mas de ter onde se ir".⁷

"Não sou escravo de ninguém
Ninguém, senhor do meu domínio
Sei o que devo defender
E, por valor eu tenho
E temo o que agora se desfaz"

(Legião Urbana, Metal contra as nuvens, 1991)

⁷ Fragmento do poema A Cabana, de Max Martins

Fazer escolhas nunca foi uma tarefa fácil pra mim. Muitas das vezes, os acontecimentos seguem um fluxo sem controle, sem amarras. Vão indo. E nesse movimento de ir, eu fui ficando. Na verdade escolhi ficar e aqui fazer teatro, viver tudo o que fosse possível a partir dele.

Vi alguns amigos indo para o sul e sudeste para tentar a sorte, porém, algo mais forte me afastava de tal escolha: A relação com a cidade; a vontade de ver a situação melhorar em Belém; fazer algo importante na cidade... Esses pensamentos sempre me fizeram ficar e como eu já disse, eu fui ficando. E nesse movimento de ir ficando, de uma decisão sem grandes pretensões, colaborei com a criação da Cia. de Teatro Madalenas, em 2001, quando ainda estava na ETDUFPA.

E lá se vão mais vinte anos. Mas não é momento de discorrer sobre as Madalenas e a minha história com ela. Por ora, apresento o quanto foi difícil e delicado chegar até aqui, da escolha do título da obra, às cenas que compõem o resultado final deste memorial, os próximos passos.

É uma obra em construção permanente pois entendo que a mesma é uma extensão da minha vida, como bem diz Cecília Salles, "estamos sempre diante de uma realidade em mobilidade", (SALLES, Cecília. p. 26).

Não cessa. Talvez um trajeto com tendência... Certamente guiado por uma intuição amorfa, que, segundo Peter Brook, pode apontar uma direção.

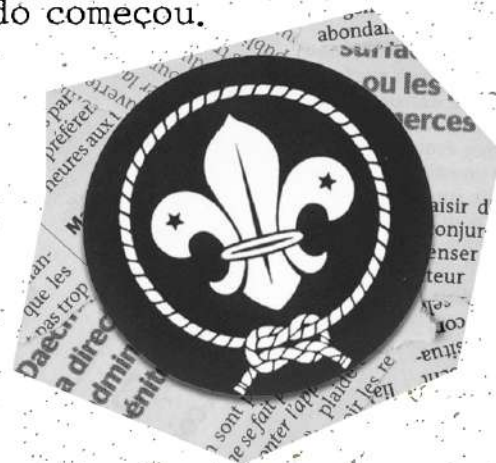
E foi justamente nesse cruzamento de ideias que precisei recomeçar a escrita praticamente do zero para encontrar um caminho a seguir. Doe, fiquei angustiado e duvidei de mim mesmo se queria seguir adiante. Horas insones, noites mal dormidas, taquicardia. Mas por que tem que ser assim? Não há uma resposta exata. É uma escolha. Sigo ou paro?. Eu escolhi seguir, pois eu desejei muito estar nesse lugar, viver esse momento.

Adiei por anos seguidos, se me submeteria a esse processo de investigação, escrita e imersão. Sempre acontecia algo que me impedia de participar de todas as etapas do processo de seleção do mestrado em artes. E como sempre estudei e trabalhei ao mesmo tempo, a tarefa é muito mais complicada e a carga torna-se mais pesada. Aí não foi escolha. Foi necessidade mesmo. Eu precisava trabalhar e estudar, pois tenho a convicção que através do estudo é possível transpor muros e de fato construir pontes. Parece até clichê, mas é a pura verdade. Alguém duvida que a educação transforma? Que livros modificam as pessoas? Estudo e trabalho desde os 17 anos e o mesmo se dá com meu fazer teatral. E mais, eu precisava contribuir com as despesas de casa. O que a minha mãe ganhava como costureira não era suficiente para alimentar a nossa família, mas isso é uma outra história, porém, não sem importância, pois por conta dos compromissos com a família eu fui que fui ficando em casa.

Compromisso

Quando resolvi estudar teatro de forma mais séria, procurei a Escola de Teatro e Dança da UFPA. O ano era de 1999 e antes disso eu "brincava" de fazer teatro nas apresentações de esquetes nas programações comemorativas do Grupo Escoteiro Mauá. Na verdade, foi lá que tudo começou.

Eu fui escoteiro do Grupo Mauá dos 07 aos 41 anos de idade (de 1979 a 2013). E como se costuma dizer no Escotismo, "uma vez escoteiro, sempre escoteiro". Eu cresci no Movimento Escoteiro. Os melhores amigos eu fiz no Escotismo, aliás, no Grupo Mauá. É a minha outra família. No Escotismo me descobri educador e artista. Foi uma escolha muito difícil ter que me afastar do Movimento Escoteiro. Os horários conflitavam com os dias de apresentações, viagem para ministrar oficinas de teatro no interior e me incomodava profundamente em ter que faltar às reuniões do Grupo, em improvisar as programações.



Percebi que estava faltando com o compromisso com o Grupo. Minhas programações eram sem propósitos, completamente distantes do projeto educativo do Movimento Escoteiro. Eu resolvi me afastar e ouvir o chamado do teatro e decidi seguir. E aqui eu abro um parêntese para falar da minha primeira experiência como ator profissional em Belém. O ano era de 1998 e eu estava cursando o último ano de Ciências Sociais, na UNAMA - Universidade da Amazônia, quando li num jornal de grande circulação da cidade, que a Companhia Atores Contemporâneos, que era dirigida por Miguel Santa Brígida, estava selecionando novos atores e atrizes.

Eu já acompanhava o trabalho "dos Contemporâneos" e muito me inquietava e fascinava o projeto artístico da Companhia. A única experiência dita séria que eu tinha com teatro naquela época, havia sido uma oficina de teatro básico realizada na Fundação Curro Velho, em 1993, que resultou na montagem de Ubu Rei, um clássico de Alfred Jarry⁸.

Pois bem, fui um dos selecionados no teste e participei da montagem do espetáculo "Instalação Cênica", mas tive que me afastar pois precisava concluir o curso de Ciências Sociais. Como os encontros e treinos nos "Contemporâneos" eram à noite, ficou impossível conciliar as duas atividades. Foi uma escolha que me deixou um vazio no peito. Contudo, os dez meses que fiquei na Companhia Atores Contemporâneos me oportunizou um aprendizado fundante no teatro do movimento, bem como com os fundamentos do Método Laban.⁹



Foto 1: Apresentação Instalação Cênica - 7 anos de teatro do movimento Companhia Atores Contemporâneos, Belém-PA, 1998.
Fonte: Acervo da Companhia Atores Contemporâneos.
Foto: Ricardo Ferro.

⁸ Alfred Jarry, poeta, romancista francês e dramaturgo simbolista e inspirador do teatro do absurdo.

⁹ Rudolf Laban, húngaro de Bratislava, nasceu no ano de 1879. Foi dançarino, coreógrafo, teatrólogo, musicólogo, intérprete, considerado como o maior teórico da dança do século XX e como o "pai da dança-teatro".

Uma bagagem cultural constituída por diferentes representações sociais, que me faz pensar, interpretar a realidade que vivo. Para tanto se fez necessário cartografar a minha trajetória individual que se cruza com a prática teatral das Madalenas. Cartografar o percurso da minha trajetória artística inevitavelmente se encontra com o fazer artístico das Madalenas.

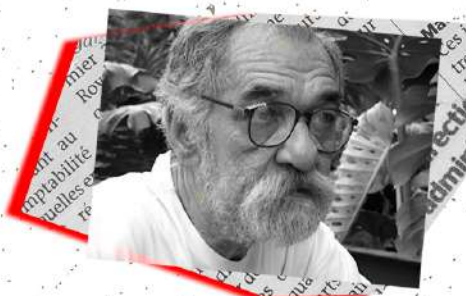
Se a construção é coletiva, não tem como não ser afetado e afetar nas relações que são socialmente construídas. E nesses termos, a criação das "Madalenas" reflete esse lugar heterogêneo, uma rede de articulação, que para Bruno Latour (apud Kastrup e Passos 2013), se faz necessário "evocar como rede de articulação e composição, para que possamos fazer emergir o entendimento de uma realidade complexa. Em tal rede estamos todos incluídos - ou implicados".

E como cada um tem seu universo, suas histórias e vivências, compreender a complexidade de cada um, as limitações, os impulsos, sempre foi um exercício para a construção de uma relação harmoniosa e respeitadora.

Ano de 2001, que ano emblemático: nascimento do primeiro filho; demissão da empresa após nove anos de serviços prestados; início de trabalho com teatro; ataque às torres gêmeas, convulsão epiléptica ... e para fechar aquele ano de tantos acontecimentos, a criação de um grupo de teatro. Grupo não, Companhia pois era para soar diferente mesmo. A Cia. de Teatro Madalenas. Eu estava concluindo o curso de intérprete para teatro da ETDUFPA e a única certeza que eu tinha era que não iria parar de fazer teatro. E nada melhor e oportuno que criar um grupo de teatro.

E por que não?

A Cia. de Teatro Madalenas surge a partir da grande repercussão da montagem do espetáculo Paixão Barata & Madalenas, adaptado e dirigido por Karine Jansen e Wlad Lima, da obra original Em nome do amor, de Luiz Otávio Barata.¹⁰



¹⁰ Luiz Otávio Barata, dramaturgo, cenógrafo, artista plástico, jornalista e fundador do Grupo Cena Aberta, atuante nas décadas de 1970, 1980 e início de 1990, em Belém/PA

INFORMATIVO CULTURAL

Trabalho: Mídia da Secretaria da Cultura
N. 40 - Ano 4 - Boleto - Pará

Fevereiro - 2001

FEVEREIRO 2001

D	S	T	Q	Q	S	S
				1	2	3
4	5	6	7	8	9	10
11	12	13	14	15	16	17
18	19	20	21	22	23	24
25	26	27	28			

Em cena no TWH,
a Pauta Residência
Na sua 3ª edição, o projeto
Pauta Residência, do Teatro
Waldemar Henrique, leva ao
palco "Palácio Barata e
Madaleno". Pág. 4.

Foto 3: Informativo Cultural
da SECULT,
fevereiro de 2001.
Fonte: Acervo pessoal.
Foto: Elza Lima

Foto 4: Matéria veiculada
no jornal O Liberal,
fevereiro de 2001
Fonte: acervo pessoal.

NESTE CADERNO:

MÚSICA, TV, SHOWS E CINEMA

• Histrionismo no palco 3

• Isaac Soares no palco 8

• Cinema no palco 7

FONDO 216-1092 e E-MAIL: cartaz@liberal.br

CARTAZ

O LIBERAL



10 de fevereiro, 21 de fevereiro de 2001

Não viram e não gostaram

POLEMICA

Deputados estaduais repudiam peça de teatro que não chegaram a assistir

A peça teatral "Teatro de Rua de Madaleno", a primeira do projeto Pauta Residência, do Teatro Waldemar Henrique, não chegou a ser assistida por alguns deputados estaduais. A peça, que trata da vida de um menino de rua, foi encenada no TWH (Teatro Waldemar Henrique) e teve como cenário o bairro de Madaleno, em Belém. A peça foi encenada por um grupo de jovens do bairro, liderados por Isaac Soares, e teve como cenário o bairro de Madaleno, em Belém. A peça foi encenada por um grupo de jovens do bairro, liderados por Isaac Soares, e teve como cenário o bairro de Madaleno, em Belém.



Com toda repercussão que o espetáculo teve na cidade, a ideia de criar um grupo foi algo natural, uma vez que era o que tínhamos de mais certeza naquele momento. Aqueles 22 jovens estavam cheios de energia vital. Já quanto a escolha do nome não foi algo tão simples. Eu fui contra ao nome Madalenas pois inevitavelmente estaríamos sempre associados ao espetáculo Paixão Barata & Madalenas. Propus o nome Estofo, mas fui voto vencido e acatei a decisão da maioria.

Sem sombras de dúvidas, as polêmicas e as discussões em torno do espetáculo "Paixão Barata", contribuíram como o pensamento crítico dos integrantes das Madalenas. Boal é certo quando afirma que "O espetáculo é o início de uma transformação social necessária e não um momento de equilíbrio e repouso.. O fim é o começo!".(Boal,2010, p.19).

Aquela movimentação foi determinante para abrir a minha mente em relação à função social do teatro. Era um questionamento que sempre eu fazia aos professores da ETDUFPA. Não me interessava espetáculos teatrais como entretenimento puro e simples. O fato de ter estudado Ciências Sociais também corrobora com tal pensamento e é nessa conjunção de ideias, pensamentos e formatos que a Cia de Teatro Madalenas surge:

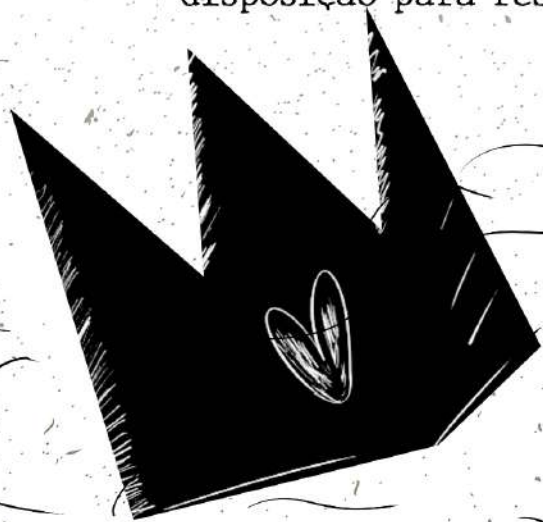
"O precipício provoca vertigem e revela incertezas. Olha-se para o desconhecido como quem pede afago, compreensão... Mas a vida cobra um preço, uma escolha, um caminho. Às vezes sem volta, às vezes desconfortáveis. Em 2001, ano de fundação da Cia de Teatro Madalenas, resolvemos mergulhar no abismo do desejo profundo após passos incertos e indecisos se seríamos capazes de seguir adiante...O teatro nos escolheu e decidimos correr o risco de imprimir em nossas encenações as buscas do homem pós-moderno, refletir sobre as relações que são (des)construídas, os paradoxos, fazer disto um exercício para nos tornarmos plenos de nossas limitações humanas. Seguir o caminho estreito de nossas incompreensões, revirando-se de maneira em que o fazer teatral seja mais que entretenimento, mas sim a possibilidade do encontro do homem consigo mesmo e com seus semelhantes! Guardar o caminho, entrar na estrada, na mata, seguir o rumo, a trilha, ir adiante. Mas que caminhos seguir numa cidade cercada por prédios, asfalto, rio e mata? Se faz necessário seguir o caminho rumo ao desconhecido, aventurar-se, correr o risco da experimentação, da pesquisa, dialogando com outras linguagens artísticas de maneira que a prática vá além dos convencionais espaços de encenação. Para tanto a Cia se arrisca em apresentações em espaço não convencionais apropriando-se deles para dar vazão aos sentimentos aprisionados dentro da alma de cada ser único e mortal...Por sermos obras inacabadas e imperfeitas, posto que somos crias de humanos imperfeitos como nós, escolhemos o teatro como luz para guiar nossos olhos famintos que querem engolir o mundo. Temos a vontade de fazer o melhor espetáculo possível, senão seremos capazes de morrer. Vontade de viver vidas alheias e, por que não, vivermos nossas próprias vidas no palco, pois falamos de amor porque amamos; de vida... Porque vivemos!".

(Cia de Teatro Madalenas - texto de apresentação portfólio, 2020.)

Há 21 anos faço parte das Madalenas.

Muitas vezes a minha imagem se confunde com a da Cia. Por ser um membro atuante e propositivo, que já foi diretor presidente por muitos anos, é natural tal confusão. Isso já me incomodou no passado, mas hoje é uma crise superada. Dos 22 atores que participaram da fundação das "Madalenas", hoje existem cinco remanescentes: Flavio Furtado, Marta Ferreira, Michele Campos, Rodrigo Braga e eu, Leonel Ferreira. Em 2006, a convite de Marta Ferreira e aclamada por todos na época, ingressou Tainah Fagundes para assumir o papel de produtora executiva das Madalenas. A Tainah já acompanhava a Cia. desde a sua fundação. Estava sempre junto fazendo contrarregagem, divulgação na rua, sugerindo melhorias nos projetos, etc. Mas quando ela assumiu a função de produtora executiva, houve uma virada de chave e uma mudança significativa no padrão de elaboração e execução de projetos. Tendo ela formação na área de Comunicação e Marketing, a Cia. atingiu um outro nível de profissionalização. Ganhou reconhecimento e notoriedade no planejamento e execução dos seus projetos e isso em muito se deve ao profissionalismo e dedicação da Tainah na função de produtora.

Em 2015,
a Cia sentiu seu maior baque com a morte inesperada de Dina Mamede,
que tinha participado da fundação das Madalenas e era uma atriz
super empenhada e dedicada em seu trabalho.
Nunca tínhamos passado algo assim entre nós.
A Dina era a mãe de todos. Cuidava com muito zelo do material
de cada espetáculo, se colocava inteiramente à
disposição para resolver questões práticas dentro das Madalenas.
A Dina será sempre a eterna
Rainha das Madalenas.



Em 2020, ingressaram nas Madalenas, a partir do meu convite e aclamado por todos, a Carol Abreu e o Diego Vattos, sendo que a Carol Abreu já contribuía com as Madalenas, desde 2010, quando na montagem do espetáculo Corpo Santo organizou uma campanha super criativa e que foi um sucesso durante a circulação do espetáculo pelo Nordeste e Sudeste do país, em 2011, denominada "FUI E RECOMENDO", onde o público que assistiu ao espetáculo se deixava fotografar com o programa do espetáculo diante de uma banner ilustrado com outras fotos também segurando o programa posicionado em frente da face entre o nariz e o queixo.

Foto 5: Banner da campanha Fui e Recomendo do espetáculo Corpo Santo idealizado por Carol Abreu, em 2010.

Fonte: Acervo da Cia. de Teatro Madalenas.
Foto: Rodrigo Braga, Belém 2013



Já o Diego Vattos, contribui com as Madalenas desde 2016, quando se juntou à montagem do espetáculo Marahu. Cada um ingressou para assumir uma função específica: a Carol Abreu para cuidar de toda a identidade visual e registros de imagens das Madalenas. São dela as belíssimas artes do espetáculo Marahu (2016), bem como a identidade visual do ENCENA - Festival de Teatro e Rua de Belém, que foi coordenado pelas Madalenas, em 2018; do espetáculo Fashion Fake - a roupa quase nova do Rei (2021). Já o Diego Vattos, para colaborar com a sonoridade dos espetáculos das Madalenas, pois a sua bagagem e experiência como músico e percussionista, contribui sobremaneira para executar essa função com profissionalismo.

O trabalho colaborativo é uma das marcas das Madalenas.

Não há a figura de um diretor artístico ou encenador fixo. Todos colaboram, participam e opinam. Sem hierarquias, com participação ativa de todas e todos. É um exercício que se faz para que haja horizontalidade em seus encaminhamentos e decisões. Rodrigo Braga e Michele Campos, durante o período que ainda moravam em Belém, cumpriam muito bem esses papéis, juntamente comigo e Flavio Furtado. Cada um com seu olhar, sua formação e cuidado na forma de dirigir as palavras e processos de construção dos espetáculos. Marta Ferreira, Rodrigo Braga e Michele Campos participaram de formações com o **"Lume Teatro"**¹¹, durante anos, em Campinas, e sempre que voltavam, compartilhavam com os integrantes das Madalenas os treinos executados nas formações. Contudo, nas Madalenas, há o que costumo chamar de "Núcleo Nervoso" da Cia, que é formado por aquelas pessoas que fazem as coisas acontecerem nas Madalenas e cabe destacar os papéis de Flavio Furtado, Marta Ferreira e Tainah Fagundes, Carol Abreu e o meu. São as pessoas por trás dos projetos artísticos das Madalenas. Discutem a ideia, reavaliam, pensam em estratégias, fazem as contas, elaboram o texto dos projetos. Na maioria das vezes eu escrevo a primeira versão do texto, que em seguida vai para as mãos do Flavio e Marta para revisarem e apresentarem a versão final. Além disso, juntamente com o Flavio e Tainah, elaboramos os orçamentos dos projetos, fazemos a produção executiva e na maioria das vezes assumo a coordenação geral dos projetos. Marta cuida das finanças e prestação de contas. Carol e Tainah cuidam de todo plano de comunicação e identidade visual. E funciona. Costumo dizer que "nunca deu errado", na verdade uma piada interna que reflete o jeito Madalenas de fazer. Mas levamos tempo para encontrar nosso ritmo de trabalho pois é importante destacar que o fazer teatral não é a nossa única e principal fonte de renda. Todos, que fazem parte do núcleo nervoso, exercem uma outra atividade profissional. E sempre foi assim desde a criação da Cia. e essa forma de atuar, fazer, criar, me satisfaz, me completa, me alimenta. As noites são incomparáveis quando há encontro com as Madalenas. cada um com suas virtudes, defeitos, habilidades e limitações formam o que considero ser a minha outra família. Às vezes ausente, distante, silenciosa. Muitas vezes cúmplice das minhas inseguranças, medos e expectativas. Eu nada seria sem as Madalenas. Trago no corpo o nome do primeiro espetáculo produzido por nós, a experiência mais intensa que já vivemos enquanto grupo. É pra vida toda.

¹¹ Lume Teatro é um núcleo interdisciplinar de pesquisa teatrais da Unicamp em atividade desde 1986.

O primeiro ano de um grupo de teatro é decisivo. Ou o projeto engrena ou vira poeira. Como todo e qualquer grupo de teatro que nasce da vontade de querer fazer acontecer, as "Madalenas" não tinham recursos financeiros para levantar seus projetos e muito menos sede própria. Os encontros aconteciam na sala da casa do Flavio Furtado, pois era de fácil acesso para todos.

Formamos um grupo de estudo sobre teorias do teatro. Marta Ferreira foi mobilizadora de um desses grupos. A cada quinzena estudávamos sobre um dos teóricos que mais nos interessava. Era completamente livre. Nos debruçamos sobre Roland Barthes, Paulo Freire, Augusto Boal, Eugênio Barba, Grotowski. Paralelamente alguns integrantes foram buscar formação em oficinas de capacitações artísticas, com destaque para a formação realizada por Fátima Toledo, no antigo Instituto de Artes do Pará - IAP, hoje Casa das Artes, localizado ao lado da Basílica de Nazaré.

Esses estudos e participação em oficinas formativas foram moldando as escolhas estéticas das "Madalenas" que iam ao encontro das escolhas políticas dos integrantes da Cia que se aproximava de determinadas organizações sociais, principalmente o Grupo Paravida, Arte Pela Vida e GEMPAC - Grupo de Mulheres Prostitutas da Área Central de Belém.

Foi quando decidimos que estava mais que na hora de montarmos um espetáculo.

Mas
sobre
o que ?



Procedimentos e Performatividades madalênicas - "As águas lançantes que tu mesmo atraíste".¹²

A performance sempre esteve presente nos estudos das "Madalenas". Aqui apresento os procedimentos de dois espetáculos marcantes na trajetória da Cia. de Teatro Madalenas, pois eles trazem semelhanças enquanto estética e de certa forma apontam um norte a seguir para os futuros trabalhos das Madalenas: **À flor da pele (2003)** e **A Estação (2015)**.

Para o espetáculo "À flor da pele", os estudos sobre performance nortearam as discussões, reflexões e ações dentro das Madalenas. A performance como linguagem, segundo Renato Cohen, "é antes de tudo uma expressão cênica e três elementos fundamentais se fazem necessários: atuante, texto e público" (Cohen, 2013, p.28). Quando se refere ao texto, se refere ao sentido sociológico do termo, considerando os signos podendo estes serem simbólicos, icônicos ou de indícios. Qualquer lugar que acomode atuantes e espectadores, pode se dar a performance. E isso sempre me mobilizou desde quando assisti uma adaptação de Hamlet, feita pelo Grupo Teatro UNIPOP¹³, no início dos anos 1990, no porão daquele lugar, pois sempre considerei fantásticas as encenações em espaços não convencionais. O espetáculo teve direção de Wlad Lima.

"O Hamlet, da Unipop, movia o público por todo espaço do porão cultural. O espectador tinha a opção de assistir em qualquer uma das cinco zonas onde o espetáculo acontecia. Nessa montagem a vida do reino passava simultaneamente as oito salas e corredores onde "passeavam" os espectadores" (Lima, Wlad. 2013, p.96)

12. Fragmento do poema No lugar do sangue, de Max Martins.

13. UNIPOP - Instituto Universidade Popular sediado em Belém/PA, tem no teatro uma forte atuação na promoção e garantia de direitos sociais na Amazônia.



Foto 6: Espetáculo Hamlet. Montagem
Unipop, Belém/1993
Fonte: Tese de Wlad Lima

Quando iniciamos as discussões a respeito da montagem do primeiro espetáculo das Madalenas, propus que falássemos de nossos desejos pessoais e toda carga emocional que se traz junto. Para tanto, recorremos ao método do psicodrama, a luz de J. L. Moreno. O psicodrama pode ser definido como:

"uma ciência que
busca a verdade, por meio
de métodos dramáticos, trabalhando com relações
interpessoais e mundos privados.
O método utiliza principalmente cinco
instrumentos: o palco,
o sujeito ou ator, o diretor, a equipe de ajudantes
terapêuticos ou ego-auxiliares e a plateia."
(Fox, Jonathan, 2002, p. 45)

Cabe destacar o papel do ator no método onde ele é convidado a ser ele mesmo. As dinâmicas foram conduzidas por mim e Rodrigo Braga, que na época cursava psicologia. Os exercícios eram direcionados para que o ator viesse a encenar uma situação do passado e viver um problema que estava lhe incomodando no presente. Esses procedimentos fortaleceram os vínculos entre os participantes do espetáculo, que tão somente após tais exercícios ganhou o nome de À Flor da Pele, pois tudo era visceral, verdadeiro e intenso. Cada um se expôs sem rodeios ou meias palavras.

Textos e canções relacionados aos desejos pessoais - "pois que há uma canção em ti submarina" ¹⁴

Um outro procedimento durante o processo de montagem que foi solicitado ao elenco, foi a identificação e seleção de textos literários, poéticos e canções que tivessem alguma relação ao desejo pessoal do ator/atriz. Alguns integrantes do elenco trouxeram textos próprios, foi o caso de Cícero Henrique e Rodrigo Braga. Eu e Flavio Furtado levamos dois contos de Caio Fernando Abreu, Aqueles Dois e Lixo e Purpurina; Cleiciano Cardoso, uma adaptação de alguns poemas de Pablo Neruda. Michele Campos, por sua vez, trouxe a canção Valsinha, de Chico Buarque. A partir das canções e textos trazidos pelo elenco foram improvisadas cenas livres. Estas cenas foram reapresentadas e aprofundadas a partir das observações feitas pelo próprio elenco. O espetáculo não tinha a figura de um diretor. A Cia optou pela direção coletiva por entender que seria o caminho mais aberto e livre a ser seguido. Criamos blocos de cenas e duplas responsáveis pela direção que ao final de cada dia de ensaio reapresentava para todo o elenco e em seguida debatíamos sobre a cena apresentada.

Teatro e outras mídias - "Sê criativo o dia todo" ¹⁵

Para além do teatro, o espetáculo À Flor da Pele traz elementos do audiovisual. O uso deste recurso no espetáculo sublinha o caráter dos personagens. Inspirado no Cinema de Vanguarda, principalmente as obras produzidas no início do século XX, nas décadas de 20 e 30, as cenas que são projetadas fazem alusão ao eu interior de cada personagem da história. Foi a partir de uma cena do filme **O Chamado** ¹⁶, onde se tem um filme dentro do filme, ou seja, uma metalinguagem, que tive um insight da possibilidade de fazer algo que desta natureza só que num espetáculo teatral. Para Leonardo Campos, a metalinguagem se configura como:



"A linguagem da linguagem, uma espécie de leitura relacional, envolvida num processo de pertencimento, pois implica um sistema de signos de um mesmo conjunto que aponta referências para si, numa estruturação que explica a descrição de um objeto."
(Campos, L. 2021, p. 1).

14. Fragmento poema Minha arte, de Max Martins.

15. Fragmento do poema No lugar do medo, de Max Martins.

16. The Ring O Chamado, é um filme estadunidense de 2002 do gênero terror psicológico. Com direção de Gore Verbinski, roteiro de Ehren Kruger e trilha sonora de Hans Zimmer, é uma regravação do filme japonês Ringu, que por sua vez foi adaptado do romance homônimo de Koji Suzuki

Percebi, então, que havia ali uma possibilidade de unir teatro e cinema experimental. E sobre teatro e outras mídias, Lehmann (2010), destaca que:

"Na civilização
midiática "pós-moderna", a imagem representa um meio extraordinariamente
poderoso, mais informativo do que a música, consumido mais rapidamente do
que a escrita... elas atuam sobre a imaginação e sobre o imaginário
de maneira muito mais forte do que o corpo vivo presente no palco. O futuro
do teatro também estaria na assimilação às tecnologias da informação,
na circulação acelerada de imagens e simulacros."
(Lehmann, H. T. 2007, p.368).

A partir de um processo caseiro de montagem e edição de imagens, Rodrigo Braga e Michele Campos selecionaram e montaram as imagens que foram utilizadas no espetáculo e que eram disparadas pelo próprio elenco em cena. As cenas eram projetadas juntamente com as músicas trazidas por cada um do elenco compondo a trilha musical do espetáculo. O silêncio do elenco revelava as máscaras sociais usadas por cada um daqueles que estavam em cena. Um acordo tácito sobre as convenções sociais, entendendo-se que tais convenções sociais, estabelecem regras sociais que são codificadas e asseguradas o seu cumprimento por uma autoridade política formalmente constituída e aceita. Pode-se dizer que tal ordenamento caracteriza, sobremaneira, uma sociedade patriarcal e tradicionalista.

E pra nós, naquela ocasião, era importante e imprescindível provocar a reflexão sobre essas questões, sobre as convenções sociais e as formas que determinam comportamentos submissos construídos a partir da opressão e diferentes tipos de violência. Tal estudo fez parte do processo de investigação e criação do espetáculo. Através do espetáculo "À flor da pele", as Madalenas se posicionavam sobre o tema de uma forma muito sutil através da arte.

O espaço cênico - "varre a tua cabana e expõe ao sol tua língua" ¹⁷

À medida que a dramaturgia foi se constituindo, mais nítida foi ficando a ideia de realizarmos a encenação dentro de uma casa. Ao decidirmos sobre isso, iniciamos a concepção dos ambientes desta casa de acordo com as cenas. Mais me inquietava a possibilidade de realizar a apresentação num espaço não convencional. Mapeamos possíveis casarões antigos de Belém. O Palacete Bolonha estava sem atividades e considerando que ele estava sem atividades e completamente desocupado, víamos a possibilidade de nos apresentarmos naquele prédio histórico da cidade. Conseguimos autorização para uma breve visita no prédio e concluímos que tinha tudo a ver com a concepção do espetáculo.

¹⁷ Fragmento do poema O caldeirão, de Max Martins.

Enviamos ofício para a FUMBEL¹⁸ e durante um mês ensaiamos naquele local e isso fez toda a diferença pois o próprio palacete tornou-se um personagem na trama. Não tínhamos como ignorar sua opulência e magnitude. Fizemos a decupagem de cada cena e personagem e desta forma cada ambiente/cena ganhou uma cor de acordo com o clima de cada cena. A partir das considerações do Aníbal Pacha¹⁹, quando fizemos um breve estudo sobre as cores, considerando que, a Psicologia das cores é o estudo que relaciona as cores e o comportamento humano. Através dos estudos é possível analisar e entender como cada cor pode afetar decisões cotidianas e causar efeitos, como mudança de sentimentos, emoções, desejo etc., e refletindo sobre o clima de cada cena, bem como a respeito dos objetos utilizados, as cenas ganharam as seguintes cores:

Aqueles dois: vermelha (é associada à paixão, ação, energia, fome, perigo, força, velocidade, calor, amor, fogo)

Escritora: azul (pode representar frieza, tristeza e depressão)

Poeta: cinza (a cor também evoca emoções negativas como depressão, monotonia e perda)

Herdeiro: verde (está relacionada a tenacidade, autoconsciência, fertilidade, orgulho, cura, calma, perseverança, imutabilidade, boa sorte, renovação, juventude, vigor)

Agregado: cinza (a cor também evoca emoções negativas como depressão, monotonia e perda)

Café da manhã: amarelo (alerta, falsidade, covardia, traição, cobiça, inveja, engano e perigo)



Foto 8: Palacete Bolonha
Fonte: Internet -
Site IPatrimônio

18.FUMBEL: Fundação Cultural de Belém.

19.Aníbal Pacha: Cenógrafo, bonequeiro e professor da ETDUFPA

As músicas dos personagens nas cenas do café da manhã -
"maleável, reflexivo, cauteloso..."²⁰

Escritora: Valsinha (Chico Buarque);

Herdeiro: Palavra de Mulher (Elba Ramalho);

Aqueles Dois: Goodbye Blue Sky (Pink Floyd);

Poeta: Nobody home (Pink Floyd)

O espetáculo À Flor da Pele estreou no dia 14 de agosto e realizou temporada até o dia 31 daquele mesmo mês sempre de quinta-feira a domingo, sempre às 21h, com 30 espectadores por sessão. Não havia assentos para o público se acomodar, pois as cenas aconteciam nos diferentes cômodos da casa. Às vezes simultaneamente, às vezes de forma isolada. O acender e apagar das luzes indicavam o término e início de cada cena. Não havia iluminação cênica. Utilizou-se a iluminação do próprio palacete para as cenas.



Foto 9: Flyer de divulgação do espetáculo.

Fonte: Acervo pessoal

Agradecimentos especiais:

Anibal Pacha, Ronaldo Faial, Karine Jansen, Darline Costa, Tainah Fagundes, Iracema Ferreira, Kátia Fagundes, Patricia Godin, José Cléber Braga, Marcelo Gabbay, Marta Ferreira, Patricia Gomes, Régia Ferreira, Liliâne Garcia, Dina Mamede, Antônio José Leal, Daniela Prado e Ivaney Fernandes (banner).

Realização:

**COMPANHIA
DE TEATRO
MADALENAS**

Apoio Cultural:



Foto 10: Programa do espetáculo - parte externa
Fonte: Acervo pessoal



PROGRAMA

COMPANHIA DE TEATRO MADALENAS APRESENTA:

A Flor da Pele



A Flor da Pele

Depois dos espetáculos "Paixão Barata e Madalenas" e "A Aurora da Minha Vida", a Companhia de Teatro Madalenas volta à cena com seu primeiro espetáculo independente, "A Flor da Pele". Neste, a companhia assume a tarefa de roteirizar, produzir e dirigir coletivamente.

"A Flor da Pele" mexe com modelos impostos por convenções sociais, que reprimem o ser humano, o impedindo de ser mais verdadeiro com o próximo e de resolver seus problemas internos com mais honestidade, levando-o a um fingimento que confina e contradiz a existência.

Elenco e Espaço Cênico

A estória se passa em uma casa, que pertence ao Herdeiro, que aluga os cômodos para mais cinco pessoas. Além do herdeiro (Carlos Cleciano Cardoso), o espetáculo contempla os personagens Salles (Leonel Ferreira), um homossexual em conflito em sua relação desgastada com Raul (Flávio Furtado), seu parceiro há três anos; O Poeta (Henrique Freitas), um jovem que vive o conflito de viver só, apesar da companhia dos outros inquilinos da casa, visto por estes, como um cara esquisito e incompreendido; A escritora (Michele Campos), que vive uma jovem submissa na relação com O agregado (Rodrigo Braga), que mora na casa por causa desta relação e vive o conflito do ciúme.

Pontuando o tema, os conflitos foram abordados em três dimensões: a das aspirações, que se acompanha pelos espectadores através de projeções fragmentos de filmes que representam os desejos secretos e não revelados de cada personagem; a realidade, vivida entre as quatro paredes de cada cômodo da casa, e as convenções, revelada durante o único momento em que todos os personagens estão reunidos, ao redor de uma mesa, no café da manhã.

A plateia se deslocará junto com o elenco durante a encenação. Isso dará um toque original ao espetáculo, que mantém a iluminação natural do Palace Bolonha, dando um tom verossímil às histórias que estarão sendo contadas.

Elenco:

Cleciano Cardoso
Henrique Freitas
Michele Campos

Flávio Furtado
Leonel Ferreira
Rodrigo Braga

Ficha Técnica:

Fotógrafo: Fagner Monteiro
Video-projeções: Michele Campos e Rodrigo Braga
Produção cultural: Jacque Carvalho
Assessoria cenográfica: Anibal Pacha
Roteiro, produção, concepção cênica e direção: Eleny
Operação: Liliâne Garcia

Foto 11: Programa do espetáculo - parte interna
Fonte: Acervo pessoal

Madalenas à flor da pele

A Companhia de Teatro Madalenas está de volta com a peça *À Flor da Pele*, que tem estréia marcada para hoje a noite à partir das 21h.

A peça tem como tema condutor o desejo, foi escrita, produzida e dirigida em conjunto pelo grupo e roteirizada à partir de relatos e experiências pessoais dos atores, ainda que conte também com adaptações do escritor gaúcho Caio Fernando de Abreu, do conto *Aqueles Dois*.

O público irá acompanhar os atores em ambientes diferentes da casa durante a apresentação da peça guiados apenas pelo acender e apagar das luzes. Há um projetor que joga imagens na parede, imagens que representam os desejos oprimidos dos personagens.

Cada apresentação comporta, no máximo, 25 pessoas na plateia. De acordo com a procura das primeiras apresentações o grupo pretende fazer até dois espetáculos por dia.

A peça tem o apoio de Patrícia Gomes e Regina Ferrei-



ra, da Fundação Cultural de Belém, que cedeu o belíssimo Palacete Bolonha para os ensaios e apresentações do grupo e das colaborações de Anibal Pacha dando consultoria sobre cenografia, assim como Karine Jansen sobre montagem e Ronaldo Rayal no figurino.

Como na primeira peça

do grupo, *Paixões Baratas e Madalenas*, dirigida por Wlad Lima e Karine Jansen, o público pôde conferir um número fora dos padrões apresentados por grupos de teatro, sobretudo amador.

Em *À Flor da Pele* não é diferente, a polêmica continua sendo a tônica dominante, mas não fundamental para o

grupo. Eles garantem que falam sobre a realidade cotidiana e o desejo. Dizem também que quem cria a polêmica é o público, para eles os temas abordados são comuns e eles tratam com naturalidade.

O grupo Companhia de Teatro das Madalenas surgiu durante a primeira peça *Paixões Baratas e Madalenas* em 2001. A peça *À Flor da Pele* conta com os atores (também diretores e produtores) Leonel Ferreira, Carlos Gleiciano Cardoso, Flávio Furtado, Michele Campos, Henrique Freitas e Rodrigo Braga.

■ Serviço

Hoje às 21h a peça *À Flor da Pele* no Palacete Bolonha (Av. Governador José Malcher em frente a rua Doutor Moraes). Atenção: apenas 25 pessoas por espetáculo. Ingressos a R\$ 10 (estudante paga meia).

Foto 12: Matéria publicada no jornal O Liberal em 14/08/2003

'À Flor da Pele' encena conflitos amorosos

Os desejos, conflitos de autoafirmação e de relacionamento amoroso são os assuntos abordados no espetáculo "À Flor da Pele", da Companhia de Teatro Madalenas, que faz a sua estreia hoje no Palácio Bolonha. Dependem poesia e trechos de textos de Caio Fernando Abreu são utilizados em cenas ambientadas em vários cenários do passado.

O espetáculo tem narrativa não linear e é fruto de criação coletiva. Todos os atores se responsabilizam pela produção e direção, consultando com frequência os textos de Antônio Pádua, historiador, Antônio Pádua, jornalista e Maria Tereza (jornalista). "Tô um conceito de liberdade porque acredito que só se vive o eu quando fazemos uma criação coletiva", diz o ator Lúcio Ferreira.

O elenco discute temas de convulsões sociais que impõem o ser humano, impulsionado a ser mais verdadeiro com o primeiro e de superar seus problemas internos por honra-

bilidade. Para chegar ao resultado artístico o grupo fez pesquisa de textos, lições e danças que visavam o autoconhecimento. "O nosso desejo é falar de questões inerentes ao homem. Esta é uma das propostas da companhia", explica Rodrigo Braga.

A história se passa numa casa que pertence ao herdeiro, que ali se encontra com cinco pessoas. Além do herdeiro (Carlos Eduardo Cardoso), o espetáculo tem os personagens Solís (Lucas Ferreira), um homossexual em conflito em sua relação disfarçada com Raul (Fábio Paredes), seu pai, e a mãe (Lúcia). O poeta (Hélio Falcão), um jovem que vive o conflito de viver sozinho e compartilhado com os amigos, e o filho (Rodrigo Braga), que vive uma jovem solitária na relação com o amigo (Rodrigo Braga), que mora na casa por causa desta relação.

A Companhia de Teatro Madalenas foi formada em 2001, pelos atores do primeiro ano da Escola de Te-

atro e Dança da UFPA, durante o encenamento do espetáculo "Trabalho Bolonha e Madalenas", dirigido por Wladimir e Maria Tereza. Quando o elenco começou o curso, decidiu manter um trabalho independente.

A plateia se dedica pelo espaço como um elenco durante a sessão. É a iluminação natural de Palácio Bolonha e a própria configuração dos atores que determinam o espaço.

SERVIÇO

▶ **"À Flor da Pele" será apresentado no período de 14 a 21 de agosto, de quinta a domingo, 21h, no Palácio Bolonha (Governador José Malcher, s/n, em frente a Dr. Moraes). Ingresso R\$ 10. Meia entrada para estudantes.**

plasma. O elenco contou com o patrocínio de pessoas físicas como Flávia Gomes e Rêgia Pereira, além de apoios culturais que possibilitaram o encenamento. A Fundação Cultural de Belém criou o espaço do Palácio Bolonha para a temporada e ensino do grupo.

com proposta semelhante a Companhia Primária, de forma crítica e irônica. "Conheci a moçoquinha pelos grafismos indígenas quando ela ainda estudava de arte e trabalhou no Museu Etnológico", conta o artista plástico que ficou impressionado com uma coleção de medalhas, urnas fincadas e outros objetos indígenas encenados.

▶ **Exposição "Arte e Cultura do Pará, do século XVIII ao século XX", no Museu Etnológico de Belém, de 14h às 18h, de terça a sexta, de 9h às 18h. Entrada gratuita.**

Educação Continuada

IECA
Instituto de Educação Continuada
Amazônia

Cursos: Agosto / Setembro

Anualização em língua portuguesa

Professor: Paulo Firbino

Período: a partir de 27 de agosto.
Horários: 20h às 22h (Quarta) e 19h às 22h (Quinta)

Gestão de Projetos Sociais

Professor: Alexandre Guis

Período: Dia 14 (das 18h às 22h), 15 e 16 (das 8h às 12h e das 14h às 18h).

Memorização e Literatura Dinâmica

Professor: Paulo Dúbes

Período: 18 a 22 de agosto.
Horário: 18h às 22h.

Responsabilidade Social no Futuro das Empresas

Professor: Edzardo Costa

Período: 29 a 30 de agosto.
Horários: 14h às 18h e 19h às 22h.

Educação Inclusiva: Formando profissionais para a diversidade.
Período: 04, 05 de setembro (das 18h às 22h), 06-10h às 12h e das 14h às 18h, 04 e 05 (das 14h às 22h).

Capacitação pedagógica: Educando, Vivendo e Aprendendo.
Professores: Rogério Canha e João Natário

Período: 09 a 11 de setembro.
Horário: 18h às 22h.

Reportagem Telejornalística

Professor: Jorge Vidal

Período: dia 12/09 das 18h às 22h e dia 13/09 das 8h às 12h e das 14h às 18h.

Matemática e Show: métodos de ensino para o ensino de Matemática, Fundamentação

Quer dar uma voltinha no

MARAJÓ?

A Top Tour leva você.

1ª Opção:

Chaquestron Social Realiza

2ª Opção:

Chaquestron Social Realiza

Foto 13: Matéria publicada no jornal Diário do Pará em 14/08/2003
Fonte: Acervo pessoal



Foto 15: Espetáculo À Flor da Pele - Cena Aqueles Dois (Flavio Furtado e Leonel Ferreira)

Fonte: Acervo pessoal Flavio Furtado.

Foto: Liliane Garcia

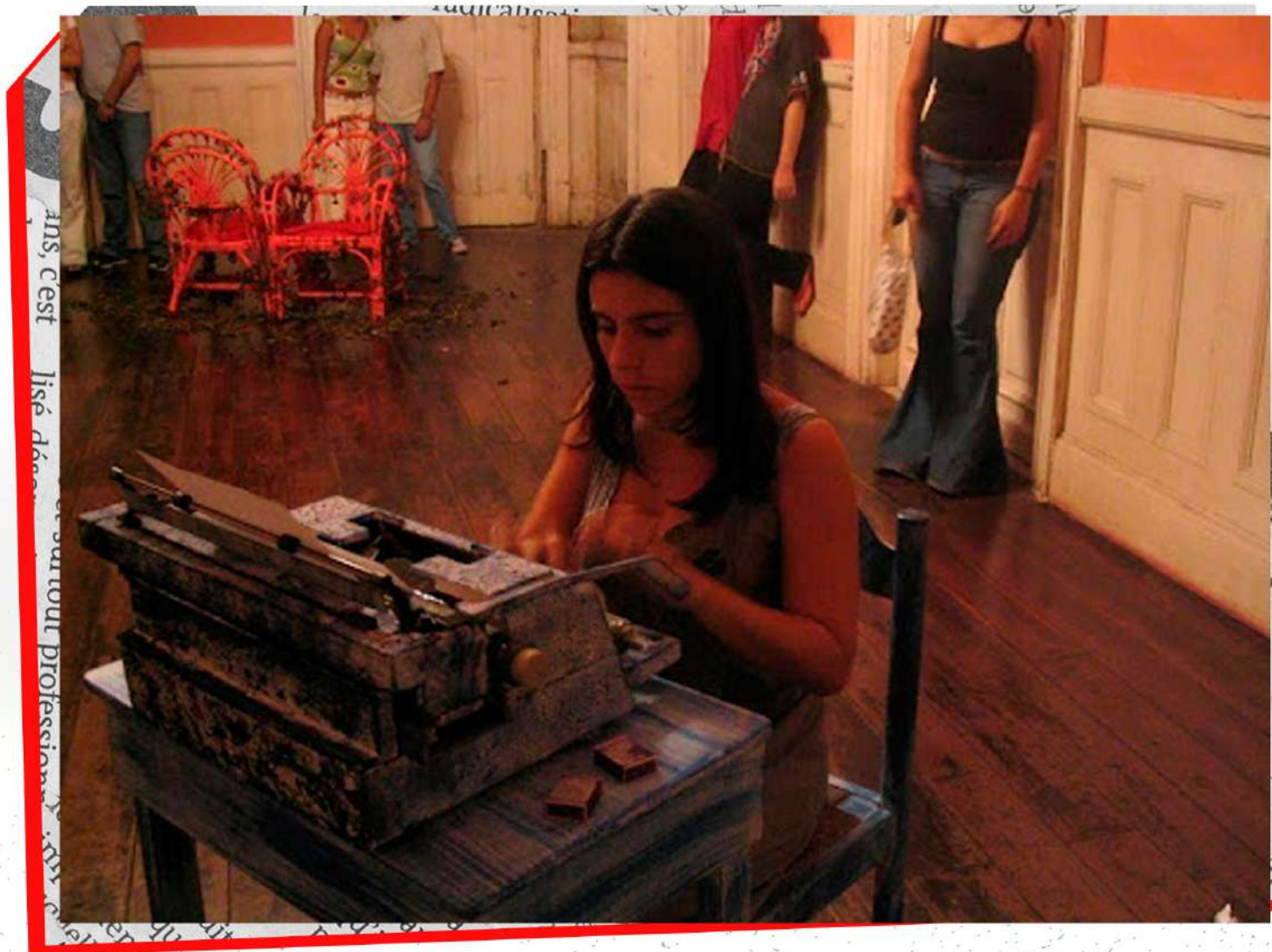


Foto 16: Espetáculo À Flor da Pele - Cena A Escritora
(Michele Campos)

Fonte: Acervo Cia de Teatro Madalenas

Foto: Flávio Ramos



Foto 17: Espetáculo
À Flor da Pele.
Cena O Herdeiro
(Cleiciano Cardoso)
Fonte: Acervo pessoal
Flavio Furtado.
Foto: Raimundo Dias

Foto 18: Espetáculo
À Flor da Pele -
Cena A Escritora
(Rodrigo Braga e
Michele Campos)
Fonte: Acervo pessoal
Flavio Furtado.
Foto: Liliane Garcia





Foto 19: Ensaio Espetáculo À Flor da Pele -Cena Café da manhã. (Cleiciano Cardoso, Rodrigo Braga, Michele Campos, Flavio Furtado e Cícero Henrique e Leonel Ferreira)
 Fonte: Acervo pessoal Flavio Furtado.
 Foto: Raimundo Dias



Foto 20: Espetáculo À Flor da Pele. Cena O Poeta (Cícero Henrique)
 Fonte: Acervo pessoal Flavio Furtado. Foto: Raimundo Dias

A FLOR DA PELE ROTEIRO

- 1- PIRA-BEITO
- 2- PARALELA 1
- 3- 1º CAFÉ
- 4- PROCURANDO A MULHER
- 5- 2º CAFÉ
- 6- POETA
- 7- PARALELA 2
- 8- 3º CAFÉ
- 9- ESCRITORA
- 10- 4º CAFÉ
- 11- AGUELES DOIS
- 12- UM DESEJO, DOIS DESEJOS
- 13- 5º CAFÉ
- 14- POETA 2
- 15- 6º CAFÉ
- 16- VOZ

CAFÉS

- 1º RODRIGO/CLECIANO/FLÁVIO
- 2º CLECIANO/FLÁVIO/HENRIQUE
- 3º MICHELE/LEONEL/RODRIGO
- 4º HENRIQUE/FLÁVIO/LEONEL
- 5º FLÁVIO/HENRIQUE/CLECIANO
- 6º LEONEL/MICHELE/RODRIGO

Foto 21: Roteiro de ações
do espetáculo À Flor da Pele

Fonte: Acervo pessoal de
Leonel Ferreira

A Estação - o outro espetáculo performativo

O espetáculo A Estação foi proposto por mim às Madalenas, em agosto de 2014. Eu havia chegado de uma viagem do interior do Estado e nos dias que estive na cidade de Xinguara, fiquei dias observando a movimentação no terminal rodoviário daquela cidade. Conversando com passageiros, trabalhadores, pessoas que estavam só de passagem. Naquele lugar nasceu a ideia de montar algo que falasse de chegadas e partidas fazendo uso da técnica dos Viewpoints, que eu já vinha pesquisando e experimentando nas oficinas que eu ministrava, além de textos poéticos e dramáticos que houvesse alguma relação com a ideia central do espetáculo.

Os Viewpoints são definidos pelas diretoras norte-americanas Anne Bogart e Tina Landau, como "um processo aberto e não uma técnica rigidamente formatada. A proposta explora as questões do espaço/tempo por meio da improvisação e composição corporal". (Bogart e Landau, 2017, p.18).

Paralelo aos estudos sobre Viewpoints, vinha pesquisando sobre a utilização e ressignificação do espaço público e a cidade como dramaturgia a partir do conceito de Teatro de Invasão, de André Carreira.

"Toda performance teatral na rua
é uma possibilidade de prática invasora uma vez
que desorganiza o tecido social daquele lugar cujo possui uma organização
muito bem definida pelos atores sociais daquele lugar. Desta forma,
a invasão implica um diálogo que se dá por contradição; pela reinvenção do
espaço; pela intervenção do desejo de redefinir lugares
(Carreira,A. 2019,p.18)

Para André Carreira, a cidade é dramaturgia. É um texto que está por cima das relações socialmente construídas. Um tecido poroso que absorve tudo que nela acontece e que se transforma a partir do conflito, das relações do dia-a-dia.

Os procedimentos - "entrega-te ao que estás criando e segue-o"²¹

Propus 8 encontros para lermos a respeito de chegadas e partidas, o tema que seria abordado no experimento. Nos debruçamos sobre os textos, **Para uma avença partindo**, de Caio Fernando Abreu; **Banhos de mar**, de Clarice Lispector; e **O homem da flor na boca**, de Pirandello.

Os textos foram adaptados e utilizados em cena. Os estudos aconteceram na E. E. Ulisses Guimarães e destes encontros participaram além de mim, Flavio Furtado e Dina Mamede; e posteriormente, Marta Ferreira.

Os textos originais eram lidos e em seguida fazia-se a decupagem dos mesmos, extraíndo os principais pontos tratados no texto, tais como ambiente da história, personagens e características destes personagens.

Em seguida o texto era reescrito por cada um do elenco com total autonomia de alterar o texto segundo sua vontade. Desta forma obteve-se uma dramaturgia construída de forma coletiva. Cada um escolheu qual texto gostaria de encenar. Flavio Furtado escolheu a adaptação para o conto de Caio Fernando Abreu. Eu fiquei com a adaptação para a peça de Pirandello e Dina Mamede, por sua vez, ficou com a adaptação para o conto Banhos de mar, de Clarice Lispector. Como Marta Ferreira entrou após essa etapa, ela escreveu o texto para a cena da sua personagem a partir de um acontecimento que ela presenciou numa viagem de navio onde uma menina menor de idade foi vítima de importunação sexual.

Definimos dois locais para as apresentações: o Terminal Rodoviário de Belém e o Terminal Hidroviário de Belém. Organizamos saídas para visitar os dois locais e observamos a dinâmica de funcionamento, fluxo de passageiros, possíveis locais para as cenas e observação de transeuntes,



Foto 22: Terminal Rodoviário de Belém - Local da apresentação do espetáculo. A Estação, Belém - JUL/2014. Fonte: Site Pará Web News.



Foto 23: Terminal Hidroviário de Belém. Local da apresentação do espetáculo. A Estação, Belém - JUL/2014.

²¹ Fragmento do poema To what it works in, de Max Martins.

Concluída a fase dos estudos sobre os textos, passamos as composições corporais. Os ensaios aconteciam três vezes na semana na laje da Da Tribu²², onde também era a casa da família da Tainah Fagundes, integrante da companhia. Esse processo se estendeu por dois meses, mas por conta de um outro projeto selecionado no Instituto de Artes do Pará - IAP, tivemos que interromper os ensaios e reprogramar a montagem.

Voltamos ao processo de montagem somente em março de 2015 e após revisar o que já tinha construído, passamos a trabalhar nas partituras corporais, música tema do personagem, palavras chaves e improvisações livres.

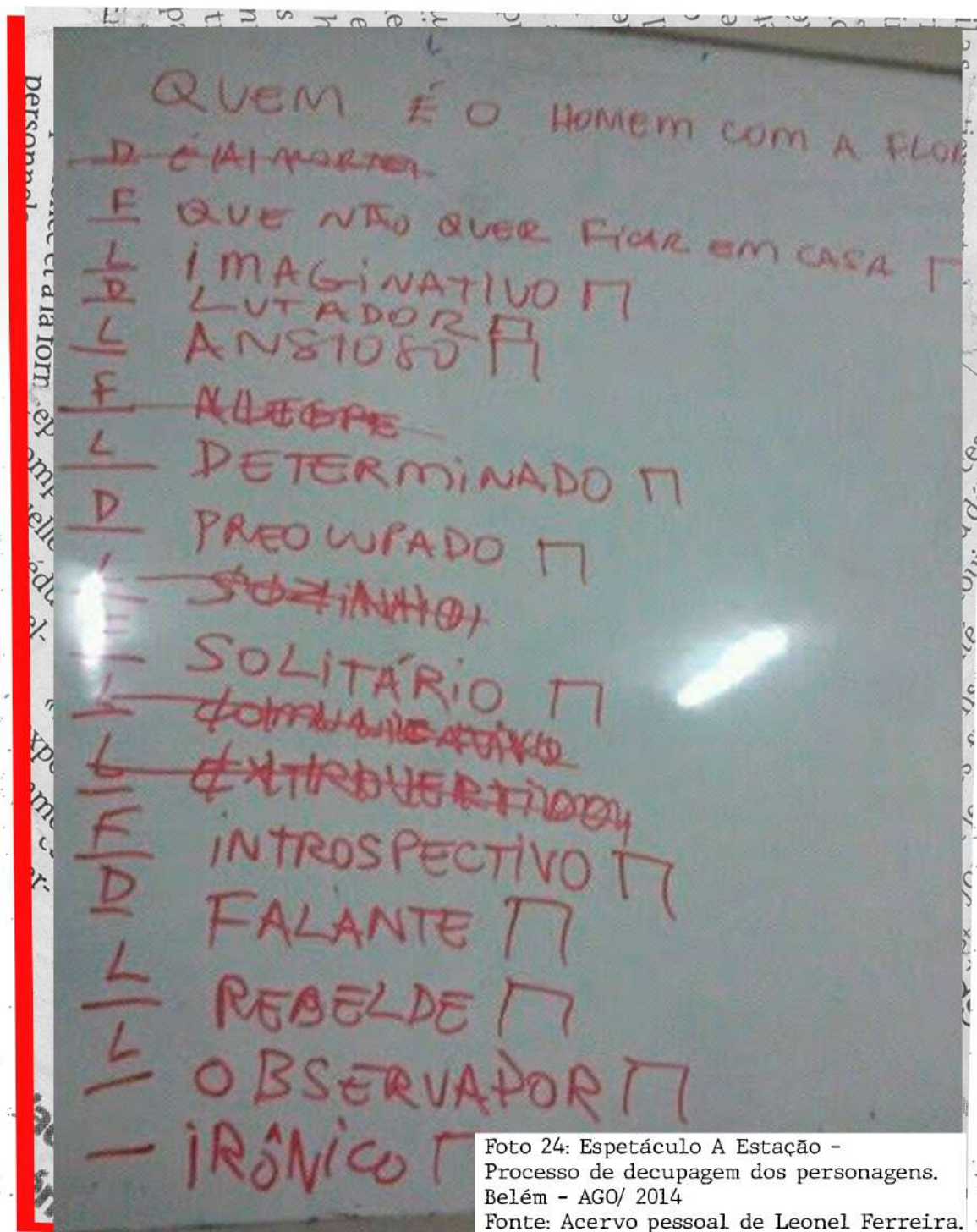


Foto 24: Espetáculo A Estação -
Processo de decupagem dos personagens.
Belém - AGO/ 2014
Fonte: Acervo pessoal de Leonel Ferreira.

²²Da Tribu: É uma marca de moda que nasceu em 2009, pelas mãos da artista Kátia Fagundes, de Belém/PA

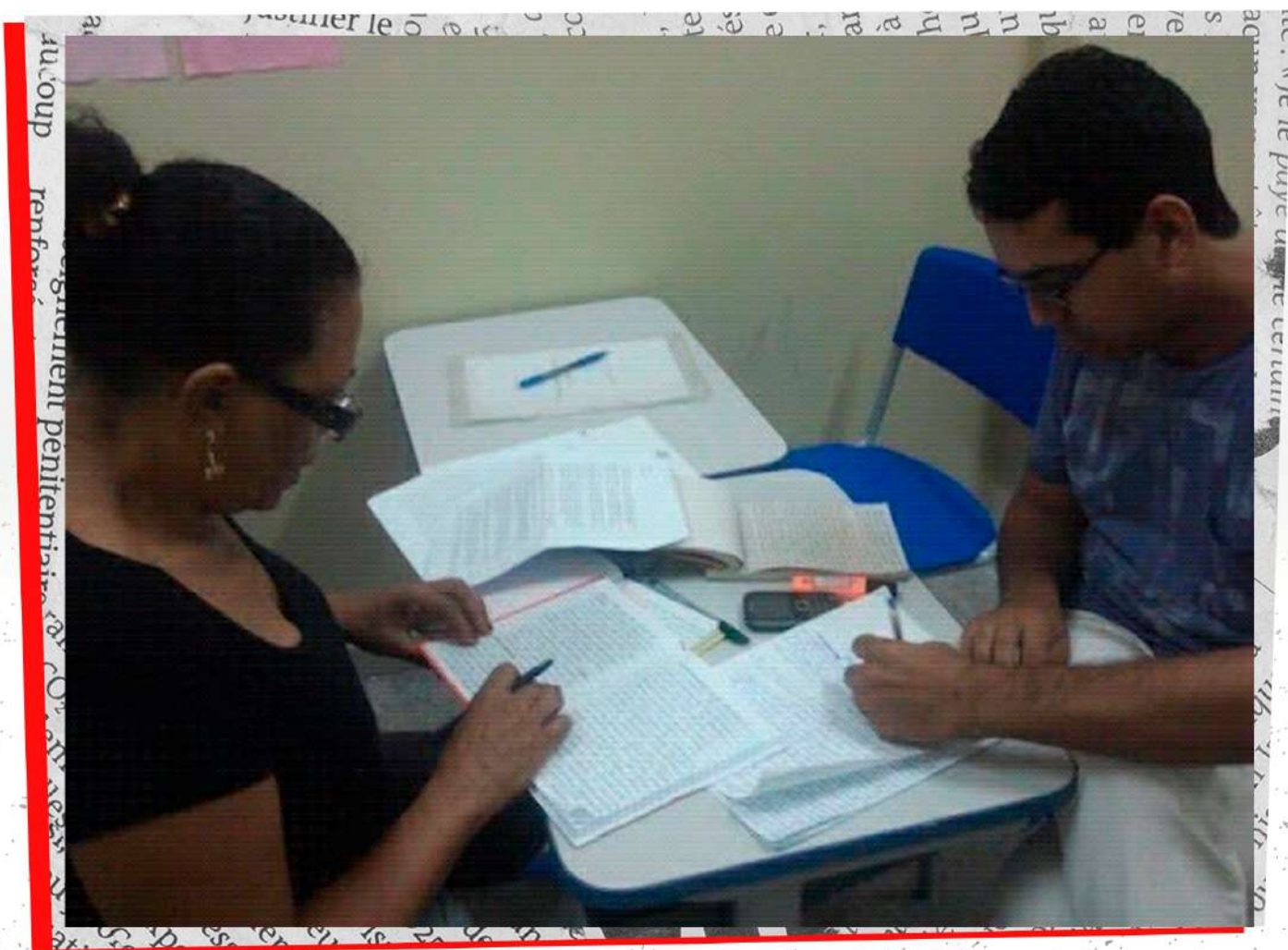


Foto 25: Espetáculo A Estação . Processo de criação: estudos sobre os textos
(Dina Mamede e Flavio Furtado) . Belém - AGO/2014
Fonte: Acervo pessoal de Leonel Ferreira

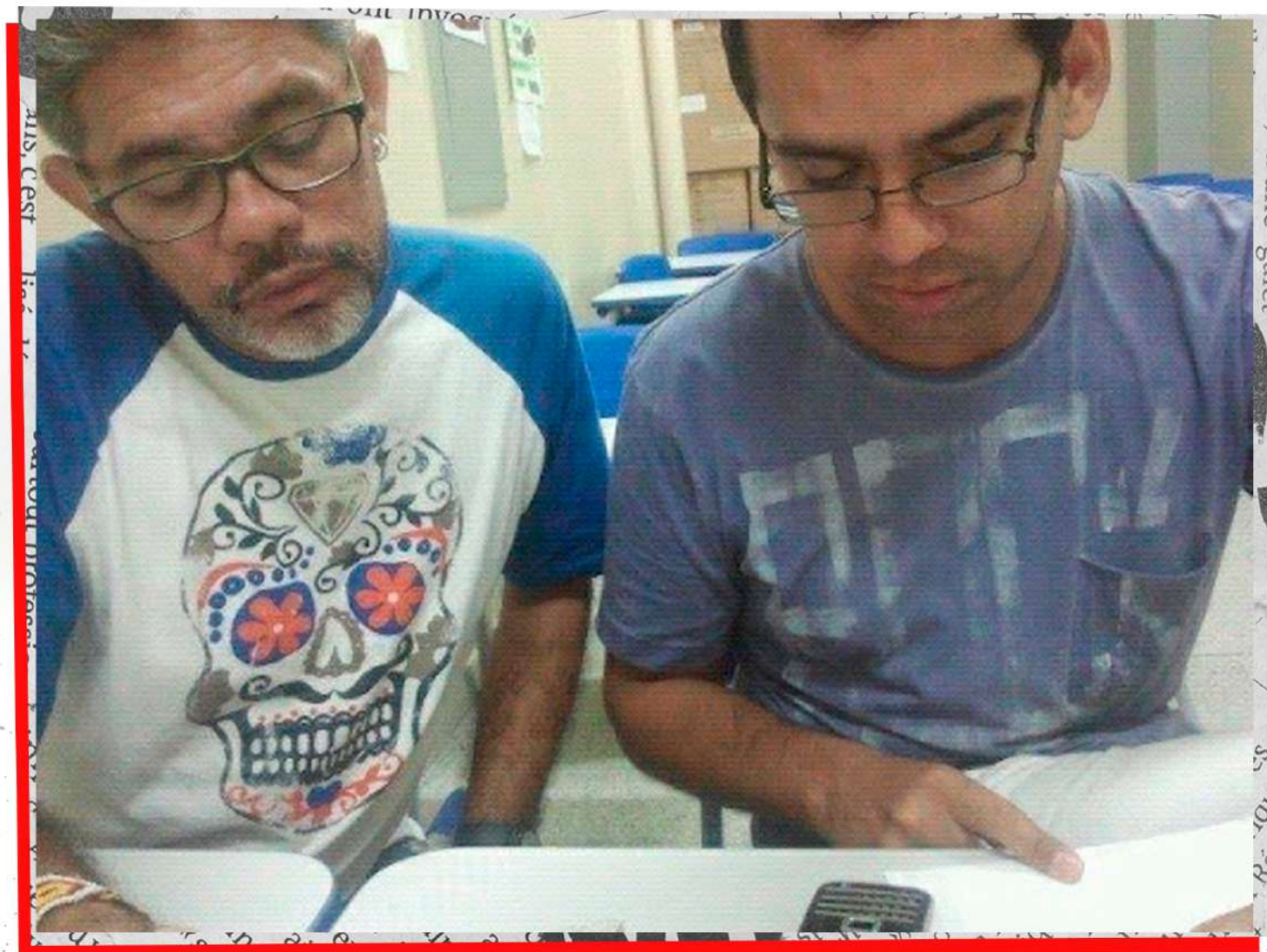


Foto 26: Espetáculo A Estação. Processo de criação: estudos sobre os textos.
(Leonel Ferreira e Flavio Furtado) Belém - AGO/2014
Fonte: Acervo pessoal de Leonel Ferreira

Palavra-chave e música pessoal que aborda o tema/palavra-chave

-Memória

-Dissabor

-Despedida

-Perda

-Fuga

-Partida

-Alma perdida

-Saudade

Improvisações de cenas utilizando as palavras chaves encontradas nas músicas trazidas pelo elenco.
Palavras/sentimentos:

-Ansiedade

-Comer

-Expectativa

-Ouvir

-Buscar

-Abraço

Os Viewpoints

Organizei um workshop sobre os fundamentos dos Viewpoints onde apresentei os nove Viewpoints físicos, que são divididos em Viewpoints de Tempo, que são:

- **Andamento:** a velocidade na qual um movimento acontece;
- **Duração:** Quanto tempo dura um movimento ou sequência de movimentos;
- **Resposta Cinestésica:** reação espontânea que ocorre fora do corpo, é o timing com o qual se responde a uma ação externa;
- **Repetição:** a repetição de algo (a forma, o gesto, o andamento, etc.)

Já os Viewpoints de Espaço, são:

- **Forma:** desenho ou contorno que o corpo faz no espaço;
- **Gesto:** o gesto é a forma com início, meio e fim. Um movimento envolvendo uma parte ou partes do corpo;
- **Arquitetura:** o ambiente físico onde se está trabalhando. Dialogar com o espaço levando em consideração a textura, a massa sólida, a luz, a cor, o som;
- **Relação Espacial:** a distância entre as coisas no palco;
- **Topografia:** o desenho que se cria ao se mover no palco.

Após a apresentação dos Viewpoints físicos e exercitarmos durante o processo de criação, definimos que seriam utilizados todos os nove Viewpoints

- A partir das cenas criadas utilizar os Viewpoints

Quando os Viewpoints foram incorporados as cenas juntamente com as músicas que compunham a cena de forma total, a história foi ganhando forma. Os sentimentos expressos através de gestos e formas através de um repertório atorial, posto que os Viewpoints, segundo Bogart, "são uma filosofia traduzida em uma técnica para treinar performers; construir coletivos; e criar movimento para o palco".

(Bogart, A, 2017. p. 25).

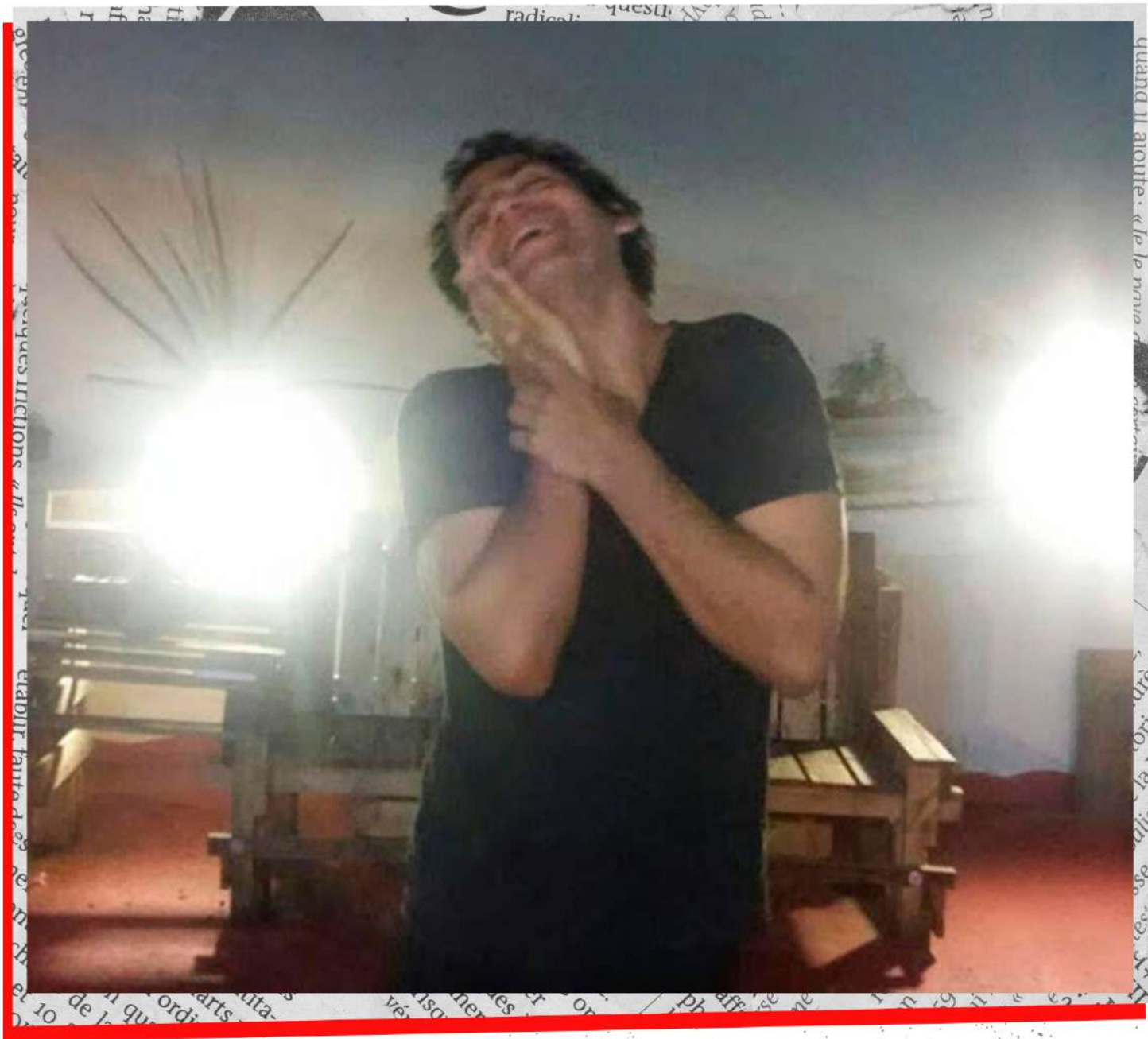


Foto 27: Processos de criação espetáculo A Estação Composições corporais/viewpoints (Flavio Furtado)
Belém. AGO/2014
Fonte: Acervo de Leonel Ferreira



Foto 28: Processos de criação espetáculo
A Estação Composições
corporais/viewpoints (Marta Ferreira)
Belém. AGO/2014
Fonte: Acervo de Leonel Ferreira

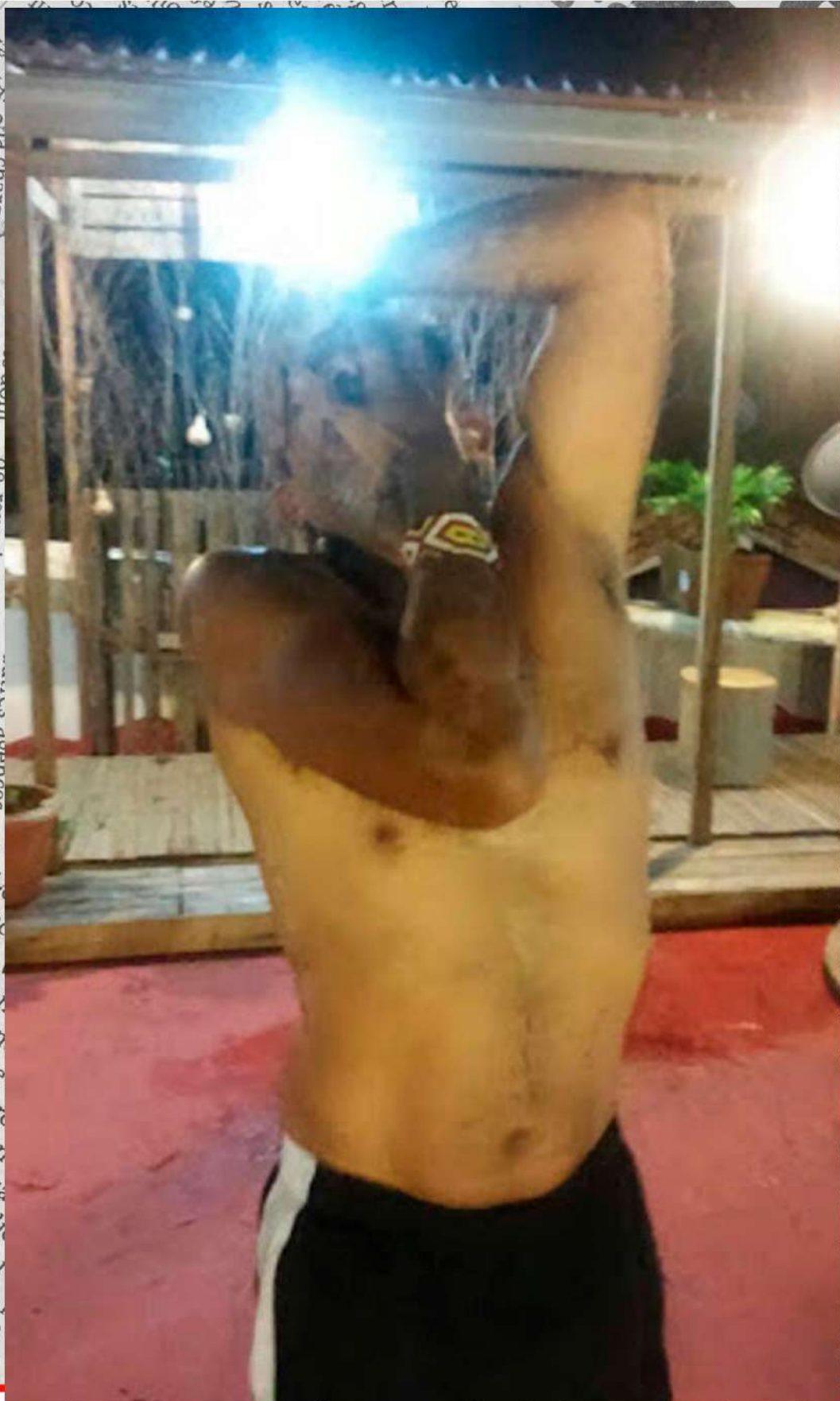


Foto 29: Processos de criação espetáculo
A Estação Composições
corporais/viewpoints (Leonel Ferreira)
Belém. AGO/2014
Fonte: Acervo de Leonel Ferreira

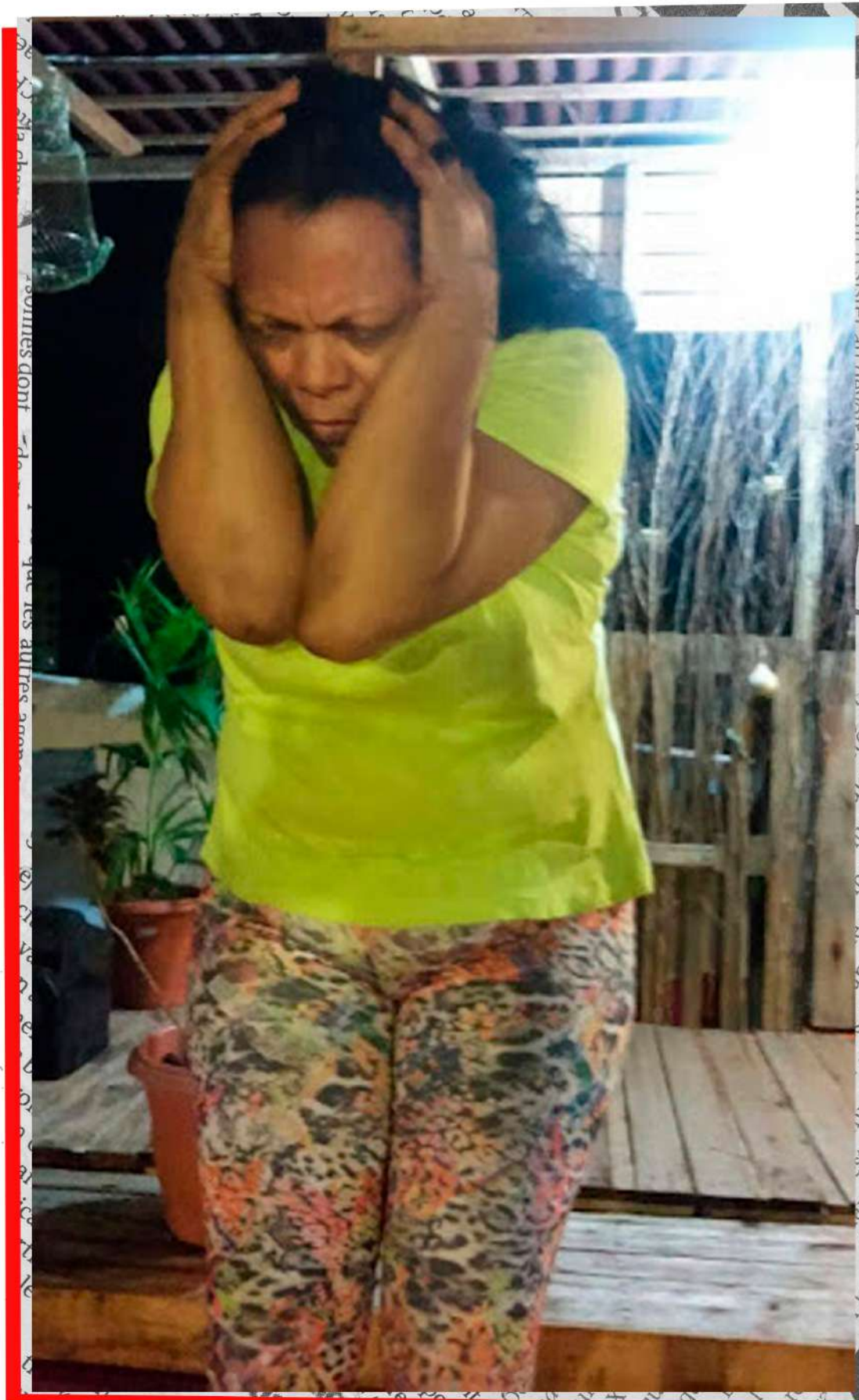


Foto 30: Processos de criação espetáculo
A Estação Composições
corporais/viewpoints (Dina Mamede)
Belém. AGO/2014
Fonte: Acervo de Leonel Ferreira

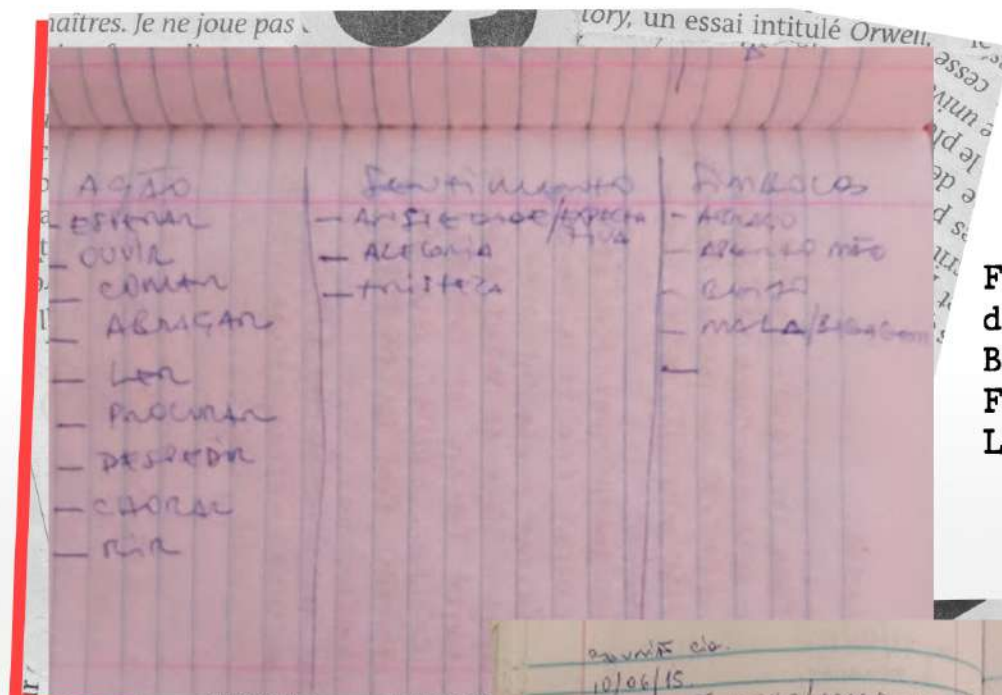
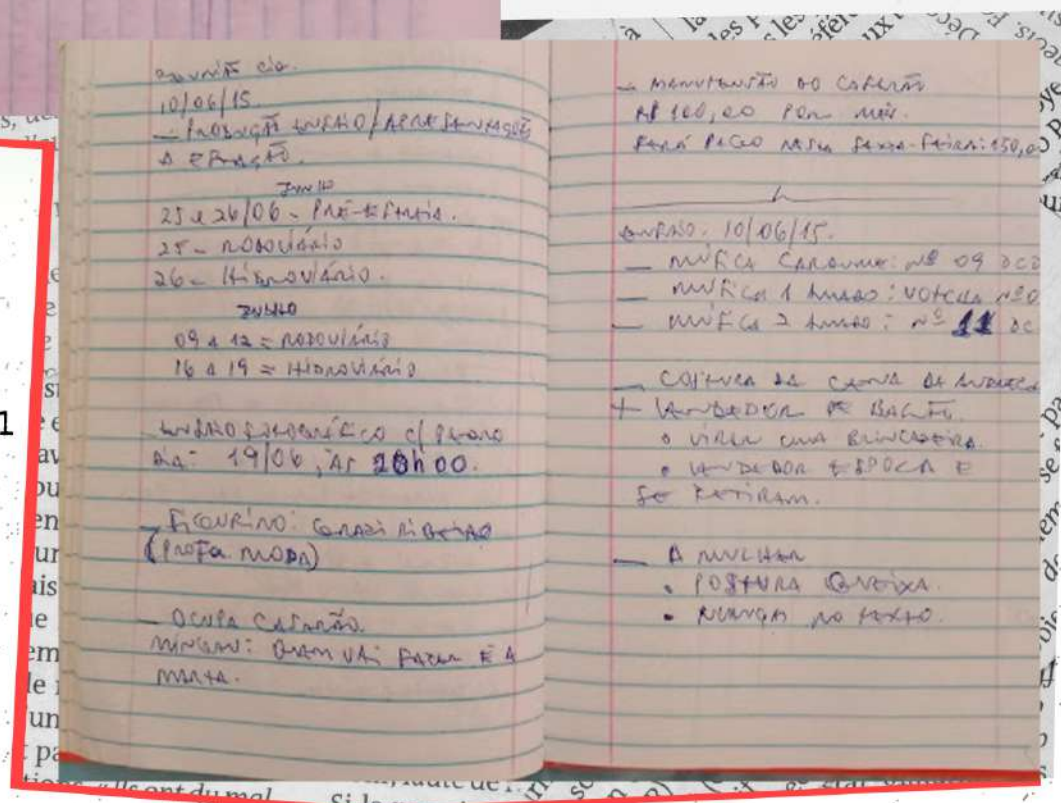


Foto 31: caderno de anotações do espetáculo A Estação - Belém. JUN/2015
Fonte: Acervo pessoal de Leonel Ferreira

Foto 32: caderno de anotações do espetáculo A Estação - Belém. JUN/2015
Fonte: Acervo pessoal de Leonel Ferreira



Como parte dos procedimentos, fizemos uso do conceito de Teatro de Invasão, de André Carreira, de modo que os transeuntes fossem surpreendidos diante do acontecimento que se dava diante deles. Optamos por usar figurinos de época para causar estranhamento em relação aos trajes utilizados nos dias de hoje. Além disso, a primeira cena já causa impacto: um dos performers "esquecia" uma mala no meio do terminal e um outro pegava e deixava noutro lugar. Um terceiro vinha e pegava a mala até que todos se encontravam no meio do terminal.

O espetáculo A Estação estreou no terminal Rodoviário de Belém no dia 09/07/2015 e foram realizadas 3 apresentações. Já no Terminal Hidroviário de Belém as apresentações aconteceram no período de 15 a 17/07/2015.



Foto 33: flyer de divulgação do espetáculo no Terminal Rodoviário de Belém. Belém JUN/2015

Fonte: Acervo da Cia de Teatro Madalenas.

Foto Pedro Tobias



Foto 34: Apresentação espetáculo A Estação no terminal rodoviário de Belém.
(Flavio Furtado) Belém JUL/2015
Fonte: Acervo da Cia de Teatro Madalenas.
Foto: Pedro Tobias



Foto 36: Apresentação espetáculo A Estação
no terminal rodoviário de Belém.
(Flavio Furtado e Marta Ferreira) Belém JUL/2015
Fonte: Acervo da Cia de Teatro Madalenas.
Foto: Pedro Tobias



Foto 37: flyer de divulgação do espetáculo
A Estação no Terminal Hidroviário de Belém -
Belém - JUL/2015

Fonte: Acervo da Cia de Teatro Madalenas.
Foto: Pedro Tobias



Foto 38: Apresentação A Estação.
Terminal Hidroviário de Belém.
(Flavio Furtado e Marta Ferreira). Belém JUL/2016
Fonte: Acervo da Cia de Teatro Madalenas.
Foto: Saulo Sisnando



39: Apresentação A Estação. Terminal Hidroviário de Belém
(Leonel Ferreira). Belém JUL/2016.
Fonte: Acervo da Cia de Teatro Madalenas.
Foto Saulo Sisnando



Foto 40: matéria publicada
no jornal
Diário do Pará Belém.
JUL/2015
Fonte: Acervo da Cia de
Teatro Madalenas



O rio que eu sou não sei. Ou me perdi²³: o meu mergulho no abismo do desejo profundo.

Mergulhar naquilo que me é precioso e delicado. Seguir as pistas que fui encontrando ao longo da caminhada e que me trouxeram até aqui. Passo infalso, incerto, indeciso. O passo incerto me faz refletir se devo seguir em frente. Paro e dou alguns passos atrás pois de longe se vê melhor. Olho as opções. Faço as conexões com o que me liga, procuro dar forma. Amplio a minha potência afetiva por está sensivelmente ligado aqueles com quem construí relações para além da criação artística. Faço parte de um grupo mas também posso dizer que sou de uma comunidade emocional que se reconhece e se fortalece no outro. "Não se está jamais em si, mas sempre para outrem" (MAFFESOLI, 2014, p. 109). O fato de estar junto com a Cia. de Teatro Madalenas há mais de 20 anos, reforça que é através da subjetividade que os laços se fortalecem e o nós se sobrepõe ao eu. Se estabelece um pacto social nas emoções vividas e compartilhadas. Não há como não se influenciar, impactar, afetar. E nesse sentido, eu sou influenciado pelas "Madalenas" e vice-versa. Não tem como dissociar uma coisa da outra. O fato de ter participado de todas as montagens e tido um papel determinante nelas, seja como ator, produtor, diretor e dramaturgo, faz da minha relação com as "Madalenas" uma extensão da minha vida. E um dia eu tentei me afastar, como se diz, "dar um tempo" mas o que me liga as "Madalenas" é muito mais forte que o desejo de se afastar. Como toda e qualquer relação, tem seus altos e baixos e nos momentos mais delicados, que na maioria das vezes foram por questões de saídas de outros integrantes, que culminou na incerteza se as "Madalenas" iria se manter em atividade. Fazer parte de um grupo de teatro era o que mais desejava. Eu já havia passado por alguns poucos grupos, mas nenhum deles se compara com a relação construída e vivida com as "Madalenas". E por conta disso eu me mantenho presente sempre em todos os trabalhos. É difícil ficar longe porque essa foi uma escolha e escolhi ficar e fazer teatro de grupo, é uma das tarefas mais hercúlea que se pode viver. E cada vez mais sigo mergulhando nesse abismo de desejos. Nas linhas adiante descrevo o processo da montagem do espetáculo performativo Para ter onde ir, que tem como referência os procedimentos performativos adotados pela Cia. de Teatro Madalenas nos espetáculos À Flor da Pele (2003) e A Estação (2015) e a obra poética do escritor Max Martins no seu livro de poesias Para ter onde ir. O experimento pode ser considerado como teatro expandido, por assim dizer, onde faço uso da videoarte e composição corporal, a partir da utilização de técnicas de **Viewpoints**.

23. Poema Viagem, de Max Martins

Hoje é inegável a forte relação que existe entre performance e encenação contemporânea e como esta cena vem sendo influenciada pela performance. Exemplos não faltam, mas o destaque que Araújo dar a performance onde faz a seguinte afirmação reforça tal ideia:

"Nesse sentido, o caráter autobiográfico, não- representacional e não-narrativo, de contraponto à ilusão, e baseado na intensificação da presença e do momento da ação, num acontecimento compartilhado entre artistas e espectadores - traços característicos da arte performática - vão orientar as sugeridas aproximações com o campo teatral".
(Araújo, A. 2009, p. 263)

Por sua vez, Lehmann, quando faz a relação entre teatro e performance como sendo um campo intermediário, diz que:

"É possível entender o teatro pós-dramático como uma tentativa de conceitualizar a arte no sentido de propor não uma representação, mas uma experiência do real que visa ser imediata: teatro conceitual. A imediatidade de toda uma experiência compartilhada por artistas e público se encontra no centro da "arte performática". Assim, é evidente que deve surgir um campo de fronteira entre performance e teatro à medida que o teatro se aproxima cada vez de um acontecimento e dos gestos de auto-representação do artista performático".
(Lehmann. H.T, 2007, p.223).

E sobre essas considerações acima, reflito sobre o processo de criação do espetáculo performativo Para ter onde ir como resultado da pesquisa do mestrado em arte. Falar sobre os procedimentos utilizados pelas "Madalenas" em seus espetáculos já era um desejo antigo que eu já vinha alimentando desde 2015, quando foi apresentado o espetáculo A Estação, em função das suas particularidades no que diz respeito à ocupação e ressignificação do espaço público e a utilização de técnica dos Viewpoints como espinha dorsal da montagem. Mas com o À Flor da Pele, que estreou em 2003, a utilização do espaço público, no caso em questão, o Palacete Bolonha, como espaço de apresentação teatral, dando a ele uma outra função, já despertava em mim o desejo em seguir experimentando montagens em espaços não convencionais. E me passa um filme na memória de tudo que já vi e que de certa forma influenciou e influencia o meu fazer artístico, desde a primeira vez que vi o Grupo Gruta ensaiando na Praça da República, em 1991 o espetáculo A vida, que sempre morre, que se perde em que se perca? Os Atores Contemporâneos, com Violetango, Usina Contemporânea de Teatro, com O Pastelão e Torta. Os três espetáculos guardam semelhanças entre si: são espetáculos de rua. Mas merece destaque a montagem de Hamlet, do Grupo de Teatro da UNIPOP, encenado no porão daquela instituição, sob a direção de Wlad Lima, em que o porão é subvertido e transformado em espaço de atuação.

Essa experiência como espectador destes espetáculos, em particular, formou em mim um desejo latente de fazer teatro de rua, mas também em espaços não convencionais e salas de espetáculos. Contudo a rua, como espaço público, de encontro, de contradições e ao mesmo tempo um microcosmo da cidade, possibilita fazeres para além da rua em si, da via pública mas também dos equipamentos públicos da cidade.

"Nas ruas é que me sinto bem
Nas ruas é que me sinto bem
Ponho o meu capote e está tudo bem
E está tudo bem "24

E quando resolvi me candidatar ao Programa de Pós Graduação em Artes na linha I, já tinha em mente um espetáculo performativo que se desse num espaço convencional, podendo ser equipamento público ou espaço não convencional. E a partir que a pesquisa foi avançando e a encenação do espetáculo foi se constituindo a partir dos procedimentos utilizados pela Cia. de Teatro Madalenas em seus espetáculos performativos, optei de forma consciente em realizar a apresentação numa casa utilizando seus cômodos como zonas de atuação, a exemplo do que foi feito no espetáculo *À Flor da Pele*, das "Madalenas", em 2003. Não foi difícil decidir pelo Casarão do Boneco²⁵ como local para a apresentação, uma vez que desde 2013 faço parte deste coletivo artístico e ele possui uma atmosfera singular que dialoga com a encenação do espetáculo **Para Ter Onde Ir**.

24. Música "Nas ruas" - Grupo Ira! Banda de rock nacional da cidade de São Paulo em atividade desde 1981.

25. Casarão do Boneco é a sede do grupo In Bust Teatro com Bonecos e que desde 2013 compartilha a casa com outros artistas da cena de Belém. É um espaço de autogestão, de criação, difusão e fruição artística da cidade.



Foto 41: Espaço Cultural Casarão do Boneco, Belém.
Fonte: Rede Sociais do Casarão do Boneco

A medida que as cenas iam sendo elaboradas, a partir de um roteiro de ação que foi modificado várias vezes por conta da reelaboração e refinamento das cenas, dos elementos que foram incorporados à montagem, tais como projeção de imagens, músicas, adereços e efeitos sonoros, o espetáculo foi ganhando forma. O roteiro foi dividido em 6 ações e cada cena tem um título sugestivo e abaixo um detalhamento de como se deu o processo de criação de cada cena:

Cena 1: A CABANA - portal do que será?

"Verás que tua casa não é lugar de se ficar mas de ter onde se ir". Esse fragmento da poesia A Cabana, de Max Martins me captura de tal maneira que toda vez que ela surge, me transporta para as casas que morei. E eu morei em muitas casas. Todas, em sua maioria, alugadas. E sempre que mudávamos, era um portal que se abria. Mas portal pra onde? Do que? Sempre uma euforia. Casa nova. Novas amizades. Novas brincadeiras. Um mundo novo se abria.

A cena surgiu com um raio na minha frente. Foi a partir da canção Coração Selvagem, de Belchior, quando ele diz: "meu bem, o mundo inteiro está naquela estrada ali em frente". Vi um portal se abrindo diante de mim. Vi as casas onde morei com minha família nos diferentes bairros de Belém e o poema A Cabana, de Max Martins era o elo que conectava tudo. E com a ideia das casas que morei desde que nasci, em 1972, até a última casa que morei com minha mãe, em 2012, fui visitar uma por uma para registrar a fachada das casas.

Destas casas fui para o mundo, segui meus caminhos, pois como bem diz Max Martins, "tua casa não é lugar de ficar, mas de ter onde se ir". (Martins, Max. 2016, p. 59).

A cena pode ser descrita da seguinte forma: As imagens das casas são projetadas ao mesmo tempo que se ouve, em off, o poema A Cabana, na minha voz, com diferentes efeitos sonoros. A medida que as imagens são projetadas e a velocidade da cena projetada aumenta, elas se misturam e formam um portal. O portal então se abre. Caminho em direção ao portal com uma mala em mãos e me transporte para um outro local, para uma outra estação. As luzes se apagam.

Minha família é toda do bairro do Guamá. Há histórias em que o vovô Pedro, pai da minha mãe, abriu rua no bairro. Uma delas é a Passagem Montserrat que liga a Rua Paulo Cícero à Av. Bernardo Sayão.

As minhas raízes são guamaense e isso me enche de orgulho. O Guamá é um bairro festivo, colorido, agitado e não há como fugir, evitar, não se impregnar por esse movimento intenso do bairro. Minha infância foi dividida entre a Passagem Pedreirinha e a Rua Liberato de Castro.



Foto 42: Casa da Trav.
Pedreirinha, Guamá.
Belém - JAN/2023
Fonte: acervo pessoal.
Foto Carol Abreu

Essa é a casa que eu nasci em 1972 e morei até os meus 4 anos de idade na Travessa Pedreirinha. Ela já não é mais a mesma. Ela era de madeira e tinha um frechal logo abaixo da cumieira na cozinha da casa. Era uma casa pequena com sala, quarto, cozinha e banheiro. Nela morávamos com papai, mamãe, Vó Sinhá (mãe do papai), meus irmãos Nelson (o mais velho) e Karla (que ainda era a caçula).

Trago uma significativa e doce lembrança dessa casa, o presente de natal que ganhei no ano de 1976. Um velocípede. Hoje eu tenho a nítida lembrança e entendimento do meu pai pintando com uma bomba de flite, já tarde da noite, um negócio que estava justamente pendurado no frechal da cozinha. Papai não havia percebido eu me aproximar. Por conta do cheiro forte da tinta, comecei a tossir. Foi então que meu pai me viu e mandou eu voltar a dormir. E assim eu fiz. Na manhã do dia 25 de dezembro, sob a minha rede, estava lá o meu presente que o Papai Noel havia deixado: um velocípede lindão. Vermelho com enfeites caindo pelas luvas do guidão. Meu irmão havia ganhado um bugre azul. A Karla, provavelmente, ganhou uma boneca pois nas fotos que fizemos no ano seguinte, estávamos cada um com seus brinquedos preferidos. Me pego pensando no trabalho que deu para o papai em fazer tudo aquilo: comprar, lixar, pintar, enfeitar o brinquedo que ganhei. E como eu brinquei com esse velocípede.



Foto 43: eu e meu irmão Nelson com seus presentes de natal Belém - DEZ/ 1976
Fonte: acervo pessoal da família

Como a casa era alugada, no ano seguinte, em 1977, tivemos que mudar. Fomos para a rua Liberato de Castro. Uma casa com dois quartos, sala cozinha, banheiro interno e um quintal imenso mas muito, muito imenso. E nesse quintal tudo acontecia.



Foto 44: Casa da D. Oswaldina - Rua Liberato de Castro - Guamá Belém. JAN/2023
 Fonte: acervo pessoal. Foto: Carol Abreu

A casa da foto em questão era da D. Oswaldina. Papai alugou essa casa na Rua Liberato de Castro, também no Guamá. Ano de 1976. A casa em alvenaria. Dois quartos, sala, cozinha, banheiro e um quintal imenso com uma mangueira no fundo junto ao muro. Para uma criança de 4 anos, aquele quintal era imenso e um mundo à parte. Tudo acontecia naquele quintal. Se alguém iria fazer aniversário, a festa era no quintal. Torneio de futebol? No quintal de casa. A vizinhança se amontoava no muro para assistir as partidas de futebol. O quintal virava terreiro de São João no mês de junho com bandeirinhas em papel de seda, fogueira no meio do terreiro e açaízeiros enfeitando a frente do terreiro. No ano de 1979, meu irmão Nelson pediu um presente inusitado de aniversário para o papai. Ele pediu um boi bumbá. Nós morávamos próximo ao Seu Setenta, amo do boi Tira Fama, que ficava lá Barão de Igarapé-Miri. Tinha um outro, lá pros lados da Rua 20 de Fevereiro, perto da casa da Vó Pretinha, o Flor do Campo. Mas o Tira Fama era incomparável. Como meu irmão conhecia uns meninos que brincavam no Boi do Seu Setenta e fez o convite para eles ensinarem a cantar e tocar as toadas, bem como as danças. E os ensaios aconteceram onde? No quintal de casa, logicamente. Todos se envolviam na brincadeira ajudando a fazer as roupas, chapéus, cuidando dos lanches, da segurança. No mês de junho o boizinho saía pelas ruas do bairro para se apresentar em frente das casas de parentes, amigos e conhecidos. Um dia o boizinho foi se apresentar fora do bairro do Guamá. Não me recordo o local, mas era longe pois fomos de ônibus fretado. O boizinho fazendo a alegria daqueles moleques do Guamá e dos outros que foram assistir a apresentação. No ano seguinte o boizinho não saiu pois era brincadeira de moleque e como toda brincadeira, um dia enoja.

Ou será porque os moleques cresceram...? Não importa. Fica a lembrança afetuosa da brincadeira que era representada no quintal de casa e que seguirá sempre presente como um portal que se abre e me leva para esse lugar de fitas coloridas, chapéus espelhados e cantorias acompanhadas por barricas feitas com couro de cobra. No ano de 1980 mudamos para uma outra casa na mesma rua.

Foto 45: Casa da D. Ivanete
Rua Liberato de Castro
Guamá Belém. JAN/2023.
Fonte: acervo pessoal.
Foto: Carol Abreu



A casa da foto não lembra em nada a casa em que moramos. Era uma casa com arquitetura modernista com um raio que o parta. Era uma casa muito bonita. Tinha uma garagem, porém sem cobertura, grama e outras plantas ornamentais e um janelão na sala, além de dois quartos, cozinha, banheiro, uma área que tinha um tanque com azulejos azul. Era a nossa piscina. No quintal havia um pé de ingá e uma pimenteira. Não era grande e pouco brincávamos nele. Era época de brincar na rua, nos quintais dos colegas, de brincar de pira esconde, pira ajuda, pira mãe até umas 9 da noite e quando a mamãe chamava, não tinha reclamação. Foi a última casa que morei e o portal da infância estava se fechando e se abrindo o da adolescência, pois a dona Ivanete, que era a dona da casa, pediu para encerrar o contrato pois iria ampliar a casa e iria morar lá com sua família.

Foi uma situação muito complexa na família pois nesta época meu pai estava envolvido com as atividades do sindicato dos gráficos e o presidente do sindicato convidou o papai para mudarmos para Brasília por ocasião da criação do Partido dos Trabalhadores que havia acontecido em 1980. Minha mãe, que tinha dado à luz a Ivana, minha irmã mais nova, não concordava com tal ideia de mudar de Belém para Brasília. A avó Ermelinda, mãe do papai, também não era favorável. E se o problema era casa, a Vó Ermelinda ofereceu metade do terreno da casa dela para o papai construir a nossa casa. Papai não teve escolha e aceitou a proposta da Vovó. E num sábado de abril de 1982, mudamos para o Conjunto Marilda Nunes, na estrada da CEASA, bairro do Marco.

A casa no Marilda Nunes foi a casa da adolescência e o início da vida adulta. Foi a casa que papai construiu para nós. A casa da foto não tem nada a ver com a casa que moramos de 1982 a 1997. A casa foi construída a duras penas ao longo de 15 anos que moramos no Marilda Nunes. Essa casa é um marco de fato em minha vida. Das descobertas, aventuras, paixões juvenis, das audições dos discos de rock e das festas. Ah, as festas... Tudo era motivo para festejarmos e reunirmos os amigos da rua e da vizinhança. Se era aniversário de alguém, tinha que ter festa. E elas eram incríveis. Muito rock, flash, soul, romântico. Festa pra dançar. E quando tocava as músicas românticas, sempre na sequência tinha algum casal que ia "se quebrar" atrás da Escola Ruth Passarinho, que ficava a menos de 100 metros de casa. Meu irmão Nelson era quem organiza as festas e vinha gente de tudo que era banda do bairro. Gente que a gente nem conhecia que vinha como o amigo, do amigo, do amigo. A casa lotava e a mamãe não dormia enquanto a festa não terminava. Quando meu irmão foi embora de Belém, eu passei a organizar as festas. A primeira foi para comemorar os 15 anos da Karla, minha irmã. Depois vieram meus 18 anos e todos os anos os amigos esperavam a festa de final de ano. No final da festa os meninos se ajeitavam pelo chão da sala e as meninas dormiam nos quartos na parte superior da casa sob os olhos vigilantes da mamãe.

O tempo passava rápido e com ele vieram as obrigações que a vida cobra. De repente, me vi um jovem adulto trabalhando, assumindo compromissos com as despesas da casa e fazendo faculdade. E na noite do dia 11 de novembro de 1997, subi pela última vez à ponte sobre os tubos de água da COSANPA ²⁶, que ligava a Av. Primeiro de Dezembro, hoje Av. João Paulo Segundo, ao Conj. Marilda Nunes. Um choro incontido tomou conta de mim naquele instante. Parei na Pracinha da Castanheira, olhei aquelas imensas árvores que faziam sombra no campinho de mesmo nome e silenciosamente me despedi do bairro do Marco, hoje bairro do Curió. No dia seguinte, num caminhão velho alugado por um tio, mudamos para o Conj. Guajará I, no bairro do Coqueiro, em Ananindeua.

26. Companhia de Saneamento do Estado do Pará. A obra de ampliação e aperfeiçoamento do serviço de distribuição de água oriunda do lago Belonha e Água Preta tiveram início em 1983 e em 1997 a obra ainda não tinha sido concluída totalmente.



Foto 46: Casa Cj. Marilda Nunes - bairro do Marco, Belém, JAN/2023.
Fonte: acervo pessoal.
Foto: Carol Abreu

A casa do Guajará em Ananindeua. Essa foi a última casa que morei com a minha mãe. A casa tinha dois quartos, duas salas, cozinha, quintal, varanda ampla, banheiro. No quintal tinha um coqueiro. Aos poucos fomos mexendo na casa. Fizemos mais um quarto, construímos o depósito das Madalenas para guardar os cenários dos espetáculos. Uma reforma sem fim. Sempre com problemas no telhado por conta dos gatos que brigavam e afastavam as telhas. A casa sempre tinha goteiras. Essa casa foi do Baleiro, do Platão e do Neruda, meus cachorros que chegaram para animar a família. Cada um partiu do seu jeito, mas a do Nerudinha foi a que mais doeu e desde a sua partida em 2010 não adotei mais nenhum cachorro. Neruda morreu em decorrência de ter ingerido comida com veneno posta por um vizinho.

Era longe morar no Guajará. Atravessar a BR e a Almirante Barroso todos os dias para ir trabalhar, estudar, ensaiar... Pegar dois ônibus para ir e dois para voltar sempre lotados. Era pesado. Era isso ou voltar de kombi ou van. A casa do Guajará vai ficar sempre em minha memória como a casa que a mamãe fez a partida na madrugada do dia 28/02/2012. Uma partida fulminante após uma parada cardíaca. Tão inesperada, abrupta e inesperada.

Não me alegra voltar ao Guajará. A casa não tem mais alegria, vida, cor. Se foi. Ela está lá carcomida, desbotada e resistindo ao tempo.

E a vida vai seguindo. O poema do Max Martins é perfeito nessa hora e o portal se fecha.

"É preciso dizer-lhe que tua casa é segura
Que há força interior nas
vigas do telhado
E que atravessarás o pântano
penetrante e etéreo
E que tens uma esteira
E que tua casa não é lugar de ficar
Mas de ter de onde se ir"²⁷



Foto 47: Casa Conj. Guajará 1 - Coqueiro, Ananindeua, JAN/2023
Fonte: acervo pessoal, Foto: Carol Abreu

²⁷Poema A cabana, de Max Martins

Cena 2: UMA OUTRA ESTAÇÃO - de passagem

O portal está aberto. A cena 2 é uma cena híbrida entre teatro e audiovisual. Ela é uma referência direta ao espetáculo "A Estação", da Cia. de Teatro Madalenas. E tem uma mala em cena. A mala do homem que não sabe se vai ou fica... A Mala com suas preciosidades, seu pequeno universo.

A mala como objeto cênico me acompanha desde antes das Madalenas serem criadas. A primeira surgiu nas aulas de interpretação na ETDUFPA, no ano 2000. Uma mala construída e pintada por mim, feita com madeira de caixas de frutas e uma chapa de aglomerado²⁸. Pequena e leve mas o suficiente para acondicionar o que eu considerava essencial caso eu tivesse que ir embora. Não há registro desta mala... Mas ela foi o disparador para um outro dispositivo que foi a mala do espetáculo Paixão Barata & Madalenas, de 2001. Mala pesada, firme, colorida e com enfeites harmonizados por mim durante os ensaios do espetáculo.

Mala objeto, adereço, cenário, marca,
Mala-mesa, mala-altar, mala-portal, mala-serpente, mala-mutandi.
Objeto quase que abre e fecha o espetáculo.
Fechar,
encerrar, guardar. Mala.
Bagagens.

O que levar?

Para onde ir?

Por que ir?

A mala retornou em 2015 no espetáculo performativo "A Estação" como objeto de cena e adereço do performer e mais uma vez me acompanha e agora no espetáculo performativo Para ter onde ir. Além disso, na referida cena, faço uso de procedimentos de viewpoints de tempo e espaço, além dos procedimentos do "teatro de invasão", de André Carreira, com ênfase na premissa que a cidade e os seus fluxos:

"São elementos
básicos para a sustentação do trabalho criativo...
O Teatro de invasão é um procedimento cênico que difere
de outros mais tradicionais, principalmente
porque coloca no centro do processo criador a percepção
da cidade como organismo arquitetônico e cultural
cuja fala deve ser lida como elemento dramático."
(Carreira, A. 2019. p.70)

²⁸Aglomerado é uma chapa de madeira, com miolo composto de resíduos de madeira como pó e serragem, resina e cola, que após passar por processo de prensa se transforma em painel de madeira.

O estranhamento causado pelo performer na estação do BRT Mangueirão, através de uma presença dilatada alterando a rotina daquele espaço, que tem uma organização própria, também marca sobremaneira a execução da cena, ainda que efêmera seja a sua relação com os transeuntes daquele espaço urbano.

A escolha do local para a realização da cena traz algumas particularidades. Quando entrei pela primeira vez na Estação do BRT Mangueirão, em 2019, vi que ali seria um lugar ideal para um espetáculo performativo, dada a sua arquitetura e dinâmica de funcionamento. E mais, é um espaço pouco conhecido pela população, salvo aqueles que fazem uso do BRT.



Foto 48: Estação BRT Mangueirão. Belém.
Fonte: Site da SEMOB

A cena foi dividida em 6 atos:

1. Ouve-se o áudio com efeitos sonoros produzidos pelo músico José Maria Bezerra para o poema A Cabana, de Max Martins.;

2. Logo em seguida são projetadas imagens capturadas e editadas pela artista e designer gráfica, Carol Abreu, das casas que eu morei desde quando eu nasci até a última casa que morei com a minha mãe. Caminho em direção às imagens projetadas. Nesse instante o portal se abre com a aparição da imagem da escada rolante do BRT. A luz se apaga;

3. Marina: A luz reacende e surjo descendo as escadas do BRT. A cena é uma releitura da cena "Para uma avenca partindo", concebida a partir do conto do escritor Caio Fernando Abreu, utilizado pela Cia. de Teatro Madalenas do espetáculo "A Estação", em 2014. Faço uso dos procedimentos do "teatro de invasão", de André Carreira, com o propósito de causar estranhamento, dúvidas e desorganização do espaço público dada as circunstâncias da apresentação que se dá sem aviso prévio sobre o que vai acontecer. Marina é uma personagem de um conto inacabado que escrevi em 2010 e está "guardado" em alguma pasta de arquivos em meu computador.

4. Conversa com passageiro: Na sequência, acontece a cena inspirada na cena "viagens de navio", também do espetáculo A Estação, onde a saudosa Dina Mamede²⁹, dividia com alguns passageiros escolhidos aleatoriamente suas memórias de suas viagens no Navio Presidente Vargas que fazia viagem entre Belém e Soure, na Ilha do Marajó. Com o passageiro que está aguardando seu ônibus chegar, compartilho uma história pessoal sobre o nascimento do meu filho, que coincidentemente estava completando 22 anos naquele dia. Acontece uma conversa espontânea e improvisada sobre relações afetivas entre pais e filhos. A conversa se encerra e segue-se para a próxima cena.

5. Uma dança para Dina: A cena foi concebida partir dos procedimentos de viewpoints de tempo e espaço, particularmente viewpoints de Andamento (a velocidade que o movimento acontece), Duração (quanto tempo dura um movimento ou sequência de movimentos), Resposta Cinestésica (ação e reação. O timing, com que se responde aos eventos externos de movimento), Repetição (repetição de algo. Repetição de um movimento do próprio corpo ou o gesto, a forma, o andamento de algo fora do corpo), Forma (contorno ou desenho que o corpo faz no espaço) e Gesto (movimento envolvendo uma parte ou partes do corpo), considerando que tais viewpoints são pontos de atenção que são utilizados enquanto se trabalha, atua ou se está em processo de composição. A cena é uma homenagem à atriz Dina Mamede com quem contracenei no espetáculo "A Estação", da Cia. de Teatro Madalenas, na ocasião da sua estreia em 2015. O último gesto da cena é uma caminhada em direção da escada de saída da estação do BRT Mangueirão.

6. Projeção da imagem eu subindo a escada rolante do BRT Mangueirão. Sumo no alto da escada. Black-out. Luz é acesa e eu estou diante do público que assistia a cena projetada.



Foto 49: Espetáculo Para Ter Onde Ir - cena Portal. Belém. JAN/2023
Fonte: Acervo pessoal. Foto: Carol Abreu



Foto 50: Espetáculo Para Ter Onde Ir - cena Marina. Belém. JAN/2023
Fonte: Acervo pessoal. Foto: Carol Abreu

²⁹ Dina Mamede foi integrante da Cia. de Teatro Madalenas desde a sua fundação em 2001 e participou ativamente da vida das Madalenas até 2015 quando partiu para o plano espiritual



Foto 51: Espetáculo Para Ter Onde Ir -
cena Marina, Belém, JAN/2023

Fonte:Acervo pessoal.

Foto: Carol Abreu



Foto 52: Espetáculo Para Ter Onde Ir. Cena Conversa com passageiro
Belém, JAN/2023 Fonte: Acervo pessoal, Foto: Carol Abreu



Foto 53: Espetáculo Para Ter Onde Ir. Cena Uma dança para Dina.
Belém, JAN/2023 Fonte: Acervo pessoal, Foto: Carol Abreu

Cena 3: Por onde ir

A luz é acesa. Estou parado diante do público. Caminho em várias direções pela sala. Passos incertos. Há uma cadeira no centro da sala. Eu trago uma mala comigo. A incerteza para se onde ir. Qual caminho seguir? Cheguei até aqui e agora? Quando não se sabe o que fazer, diz o dito popular, é melhor não fazer nada e esperar o momento certo. Mas eu tenho pressa, o tempo urge, já não tenho 21 anos quando iniciei esse caminho na Fundação Curro Velho... Todos os dias caminhar, sair por aí. Estrada sem fim. O que há depois do fim? O poeta paraense Vasco Cavalcante, diz que:

"Viver é um grande
ato em favor da vida presente. O passado serve de referência, experiência,
absorção e aprendizado. O Futuro é uma não existência porque não existe
de fato, é a idealização de um sonho do que virá a ser a vida mais tarde"
(Cavalcante, Vasco. 2022, p.8)

Então eu vou seguindo com passos incertos o plano das ideias. E desta feita trago para a cena o poema "Hoje de manhã saí muito cedo", de Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa. O poema ilustra meu estado de espírito e deixo-me seguir em frente. Na sequência, fazendo uma espécie de ligação entre pensamentos, escolhas e convicções, trago para essa caminhada incerta, o poeta português José Régio, através do poema "Cântico Negro". Sigo o meu caminho. Só vou por onde me levam meus próprios passos. Cansei das definições que pedem que eu dê, assim como das ideias alheias e daqueles soberbos que vivem de ilusões. Eu prefiro a incerteza, o ar em suspensão, a taquicardia, as mãos suadas, o frio na barriga.

"A minha vida é um vendaval que
se soltou, É uma onda que se alevantou,
É um átomo a mais que se animou..."
(José Régio - Cântico Negro)

Na sequência da cena, utilizo procedimentos de viewpoints de tempo e espaço, especialmente de viewpoints de forma, gesto, duração e andamento que juntamente com a canção "Prelúdio do Recomeço", do músico José Maria Bezerra, apresento uma possibilidade de desfecho para o personagem em sua saga anti heróica que segue em frente com seus barcos de papel, barcos estes que seguem sem destino.

Cena 4: O Tao do Max Martins

A cena faz referência ao livro "Para ter onde ir", de Max Martins. Este livro é considerado o mais oriental do poeta paraense. Para tanto, criei uma ambientação fazendo uso de iluminação baixa, música oriental e vídeo projeção dos poemas do livro "Para ter onde ir". Além disso, faço uso de partituras corporais para dar fluidez à cena. A minha voz é ouvida recitando os poemas de Max Martins enquanto executo as partituras corporais. Num determinado momento, executo numa das paredes da sala da apresentação, uma intervenção artística feita com tintas e pincéis desenhando o símbolo do Yin-Yang. Em matéria na revista National Geographic, temos a seguinte definição para o símbolo Yin-Yang:

"Yin-yang é um conceito baseado na dualidade de tudo o que existe no universo, de acordo com o taoísmo, filosofia em que ele é gerado. Trata-se de duas forças opostas e complementares fundamentais encontradas em todas as coisas. Esse conceito foi desenvolvido depois que os chineses observaram fenômenos naturais e os classificaram em categorias opostas e complementares: céu-terra, Sol-Lua, dia- noite, calor-frio, homem-mulher ou cima-baixo. O yin é o princípio feminino, a terra, a escuridão, a passividade e a absorção. O yang é o princípio masculino, o céu, a luz, a atividade e a penetração".



Foto 54: Símbolo Yin-Yang.
Muito presente na obra Para ter onde ir,
do poeta Max Martins
Fonte: site da revista National Geographic

Na sequência eu convido o público para intervir na parede pegando tinta e de maneira livre e espontânea manifestar o seu pensamento, a sua criatividade, de modo que se tenha ao final uma obra de arte única, naquele momento, daquele encontro, naquela sala. Eu me afasto enquanto o público realiza intervenções no papel sobre a parede e me preparo para a próxima cena.

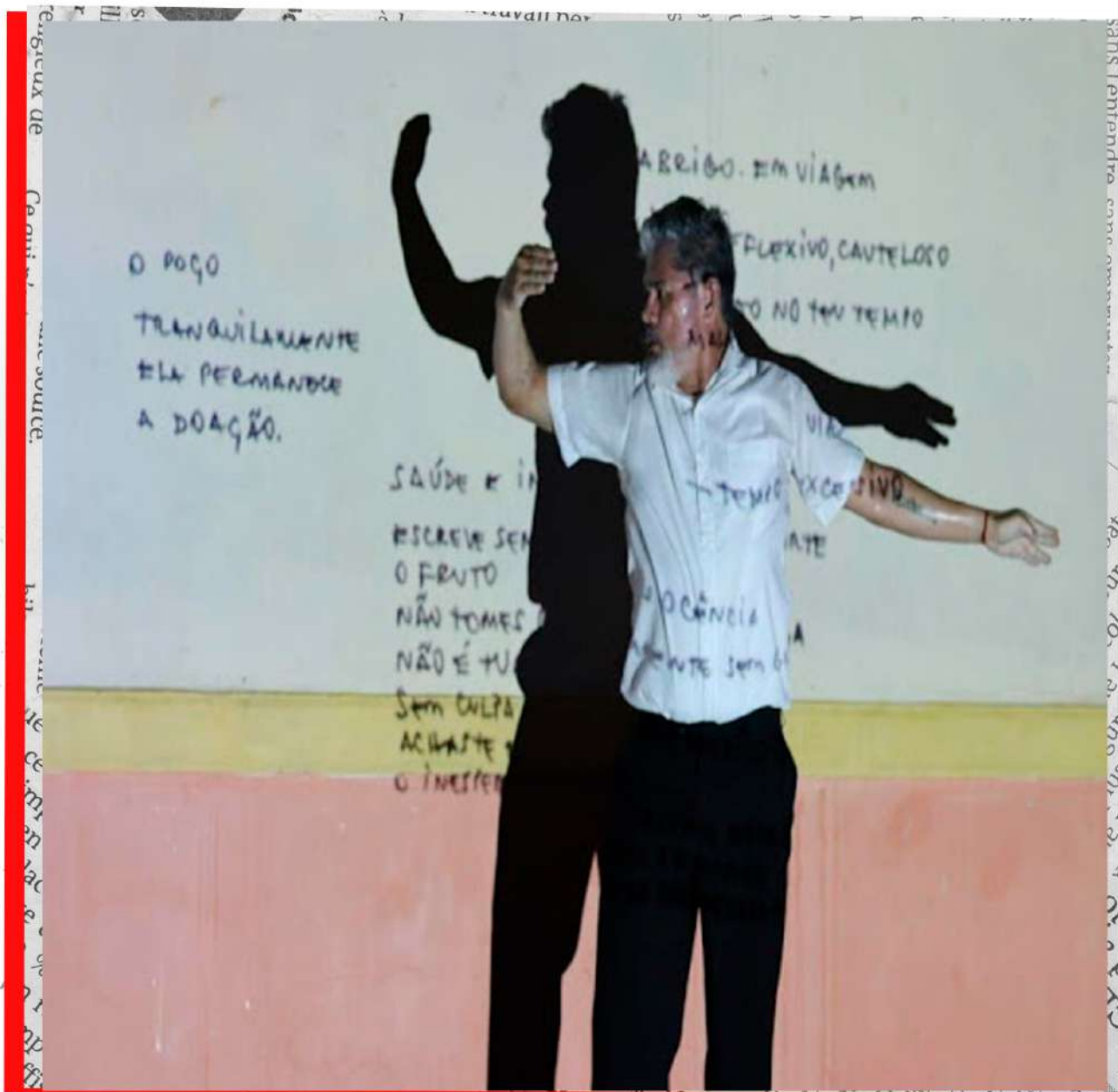


Foto 55: Espetáculo Para ter onde ir -
 cena O Tao do Max projeção dos poemas
 do livro Para ter onde ir.
 Belém - FEV/2023
 Fonte: Acervo pessoal .
 Foto: Carol Abreu



Foto 56: Espetáculo Para ter onde ir -
cena O Tao do Max
Belém - MAR/2023
Fonte: Acervo pessoal .
Foto: Carol Abreu



Foto 57: Espetáculo Para ter onde ir -
cena O Tao do Max
(participação do público na cena).
Belém - MAR/2023
Fonte: Acervo pessoal .
Foto: Carol Abreu

Cena 5: Uma xícara de café, dois dedos de prosa e um segredo guardado

A cena é uma referência direta ao espetáculo "À flor da pele", encenado pelas "Madalenas", em 2003. A cena do café da manhã. A cena consiste em uma mesa com café "de novela das 9", com frutas, pães, suco, etc.

No "Para ter onde ir", eu convido algumas pessoas da plateia para me acompanhar à mesa do café para conversarmos sobre como é o café em suas casas, seus hábitos e costumes. A cena "uma xícara de café dois dedos de prosa e um segredo não revelado" também faz alusão ao café da manhã na casa da minha mãe e ao café na casa da minha avó materna.

Na minha família era na mesa do café que nós resolvíamos as nossas questões. Se alguém tinha um problema pessoal e queria contar sobre esse problema com a minha mãe, bastava ser o último a se levantar da mesa e os outros filhos já entendiam que aquela pessoa queria falar em particular com mamãe. A conversa não era feita na sala, no quarto, um outro cômodo da casa. Não, a conversa era feita na mesa do café da manhã. A minha mãe ocupava a cabeceira da mesa. Ela era a pessoa que comandava aquela família. Ela estava à frente. Eu nunca sentei na cabeceira da mesa. Mesmo sendo o filho, que ficou para assumir as contas e despesas da casa. Para mim aquele lugar, é um lugar de muito respeito. É um lugar que tem que ser ocupado pela pessoa mais importante. E a pessoa mais importante da minha casa era a minha mãe. Ela assumiu a cabeceira, quando ela convidou o meu pai pra ir embora de casa. Ela sentou na cabeceira e assumiu a frente da família. Na minha família são as mulheres que decidem. Isso tem um valor muito significativo e pedagógico. Praticamente todas as minhas tias da minha família foram abandonadas pelos seus maridos. Elas tiveram que educar os filhos sozinhas, trabalhar e cuidar da casa. Nós, os filhos e filhas, aprendemos cedo a respeitar e valorizar as vozes das mulheres de nossa família uma vez que somos de uma família em que os homens eram os provedores e com isso se achavam no direito de mandar e desmandar. Antes mesmo do termo empoderamento feminino ser pauta nas rodas de conversas e editoriais, as mulheres da minha família se insurgiram contra o patriarcado, esse sistema de dominação social, política e econômica que se baseia na ideia de que os homens são superiores às mulheres. Aprendi que, quando as mulheres são empoderadas, elas são capazes de tomar decisões sobre suas vidas. Isso significa que elas têm mais chances de mais controle sobre a sua própria vida, incluindo suas finanças e suas relações.

Após explanar sobre isso com os convidados para o café e ouvir suas histórias, faço uma revelação de algo que nunca disse num café da manhã para minha mãe. Faz-se silêncio. Levanto-me. Apago as luzes da sala e me retiro caminhando em direção a sala principal.



Foto 58: Espetáculo Para ter onde ir -
cena Uma xícara de café, dois dedos de prosa
e um segredo não revelado
(participação do público na cena).
Belém MAR/2023
Fonte: Acervo pessoal:
Foto: Carol Abreu

Cena 6: Para ter onde ir - um outro portal

Na sala principal ouve-se em off o poema "A cabana", na voz de Max Martins. Uma projeção de uma praia é exibida na parede frontal. É um portal. Caminho em direção a projeção. Atravesso o portal. Projeção de imagem minha caminhando pela praia. Vou em direção ao rio/mar e por fim mergulho nas águas do rio/mar. Sobe os créditos com os nomes das pessoas envolvidas no projeto e agradecimentos ao som da música The Man Who Sold The World, de David Bowie. Decidi encerrar o espetáculo com a canção de David Bowie por ele me conectar com o que tenho de valioso em mim. Por ele me levar para lugares que muitas das vezes não sei como voltar. Um sonho sem fim, um loop incessante. Muitas cores, marcas do silêncio e das palavras que não guardadas em portais que não se sabe onde vão levar. Lugar sagrado, secreto, incerto. Dos amores incertos, das buscas incertas, duvidosas e medrosas, tal qual as flores amarelas de Drummond, descritas no poema Congresso Internacional do Medo. E como medo, dúvidas e incertezas as luzes se acendem.

Fim.

" ...laughed and shook his hand and made my way back home
I searched for form and land for years and years
I roamed
I gazed a gazely stare at all the millions hills
We must have died alone a long long time ago"³⁰

30. Trecho da canção The Man Who Sold The World, de David Bowie:

Eu ri e apertei sua mão e voltei pra casa

Eu procurei me organizar e me estabelecer por anos e anos eu vadiiei

Eu olhei fixo para os milhões que ali estavam

"Nós devíamos ter morrido sozinhos Há muito, muito tempo..."

Considerações finais ou "o rio que eu sou não sei. Ou me perdi"³¹

Após construir o roteiro de ação, tendo como referência os procedimentos utilizados nos espetáculos *À Flor da Pele* e *A Estação*, assim como definir a ordem das cenas, cheguei ao que assumo como dramaturgia do espetáculo *Para ter onde ir*. Do *À Flor da Pele* eu utilizo o vídeo teatro, ou teatro híbrido quando transponho para o audiovisual a cena teatral tendo como intercessor o teatro de invasão, de André Carreira. Há um cuidado especial com o ângulo e enquadramento da câmara para que se possa ter dimensão da cena e reação das pessoas durante as filmagens. Nada foi combinado ou ensaiado. Tudo foi feito de improviso e de forma espontânea para se obter o máximo de naturalidade. Um outro procedimento que empresto do "*À Flor da Pele*", são as histórias pessoais. No caso do "*Para Ter Onde Ir*", eu trago minhas histórias pessoais que são compartilhadas na cena do café da manhã.

Algumas pessoas da plateia são convidadas para participarem da cena comigo numa conversa descontraída em torno da mesa e tomando café. Certamente é o momento mais delicado do espetáculo pois eu me exponho sem disfarces, sem máscaras. Essa foi a última cena a ser escrita e nunca compartilho com a equipe que me acompanha, que história irei dividir/revelar com o público durante a cena.

Empresto do espetáculo "*A Estação*" os procedimentos dos viewpoints, principalmente aqueles de tempo e espaço reproduzindo parte da composição corporal que surgiu na cena que realizava juntamente com a saudosa Dina Mamede. Se no espetáculo *A Estação* os transeuntes são pegos de surpresa diante do acontecimento, uma vez que a ordem estabelecida tacitamente entre os atores sociais daquele espaço, é temporariamente "desorganizada" por algo que não se sabe ao certo o que é, pois em "*Para Ter Onde Ir*" a situação se expande e amplifica pois assumo o risco de realizar tudo sozinho sem o apoio e dos meus amigos das Madalenas ou de um outro performer que possa me socorrer ou ajudar, caso fosse necessário. Durante o ato performativo na Estação do BRT - Mangueirão, ouvi comentários dos usuários do BRT do tipo: "o que ele tem na mala?" "Quem é Marina?"

"O corpo da Marina está na mala." "Ela tá lá no Ver-O-Peso com outro.", dentre outros. Tais comentários sinalizam que o ato cumpriu sua função, posto que criou incomodo, desorganização espacial e curiosidade.

31. Poema *Viagem*, de Max Martins.

"Para Ter Onde Ir" aponta possibilidades para outras frentes, posto que é uma obra aberta. Caminho a seguir podendo pegar atalhos, desvios e voltar do ponto de partida. Reforça que o espaço para a cena pode ser qualquer lugar: uma casa antiga, uma estação rodoviária, a tela do computador, a sala de espetáculo. Contudo, mais me interessa o diálogo entre a ocupação e ressignificação do tecido arquitetônico da cidade. Não há limites para a criação e o fazer artístico. É uma casa edificada entre escombros e sonhos juvenis que move o mundo. Busco, agora, ouvir e decifrar o Grande Mestre que me diz que "a casa não é lugar de ficar mas de ter de onde se ir"³²

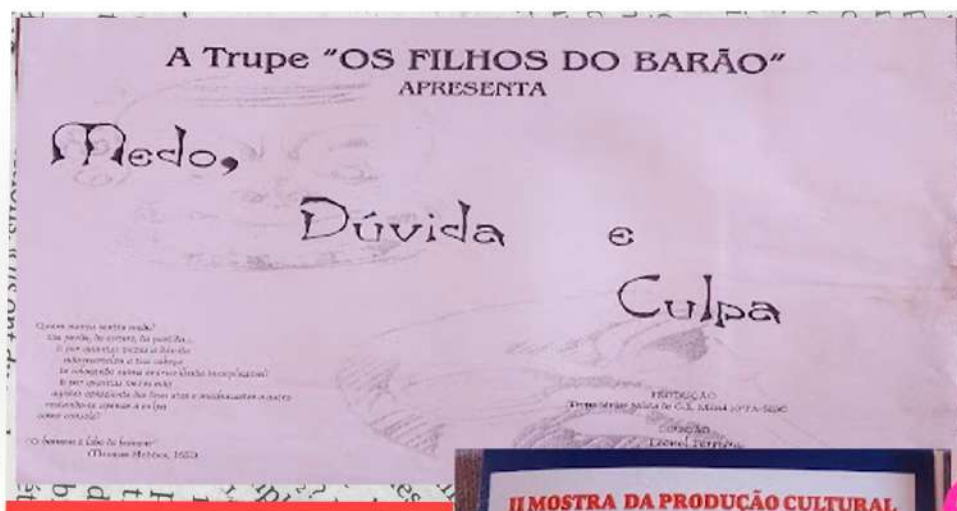
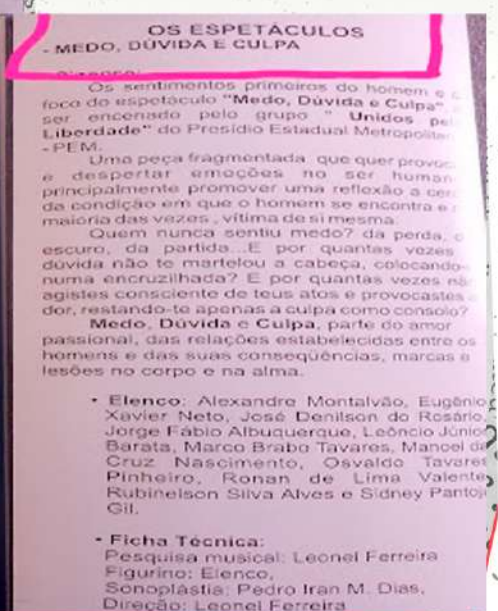
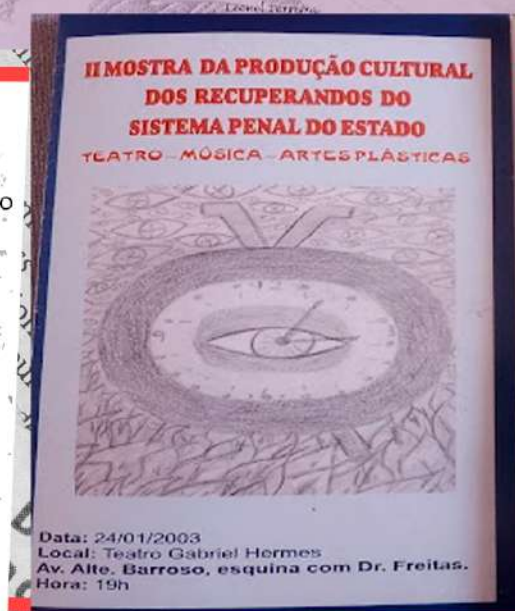


Foto 59: cartaz do espetáculo Medo, Dúvida e Culpa produzido pelo Tropa Sênior do G.E. Mauá. Belém - NOV/1995. Fonte: Acervo pessoal

Foto 60: cartaz do espetáculo Medo, Dúvida e Culpa, apresentado II Mostra de Produção Cultural dos Recuperandos do Sistema Penal do Estado. Belém - JAN/ 2003. Fonte: Acervo pessoal



32.Trecho de A cabana, de Max Martins.

Registros do processo de criação do espetáculo
"Para ter onde ir" realizado no Casarão do Boneco, em Belém,
no período de novembro/2022 a fevereiro/2023

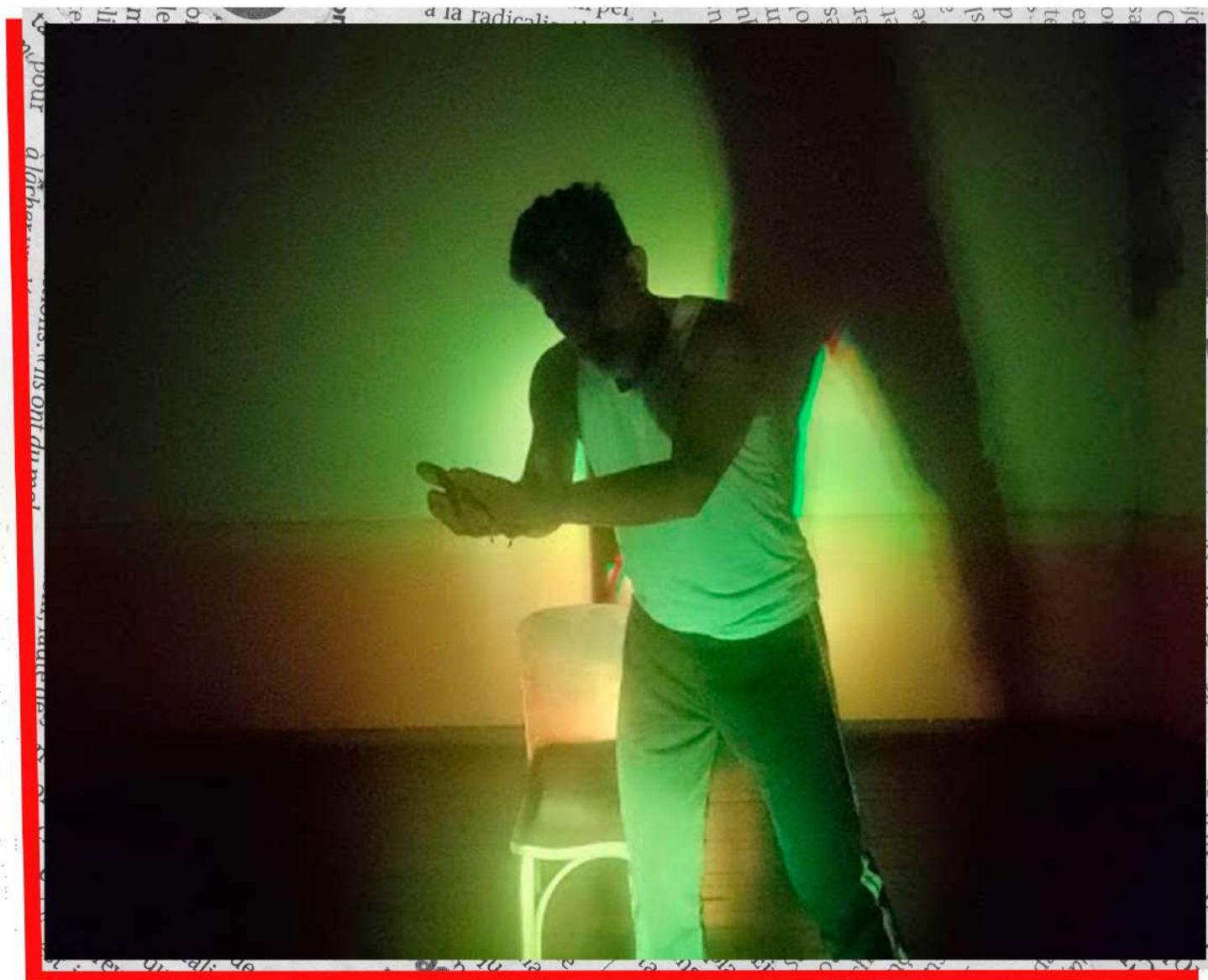


Foto 61: experimentação de luz
Fonte: Acervo pessoal.
Autorretrato

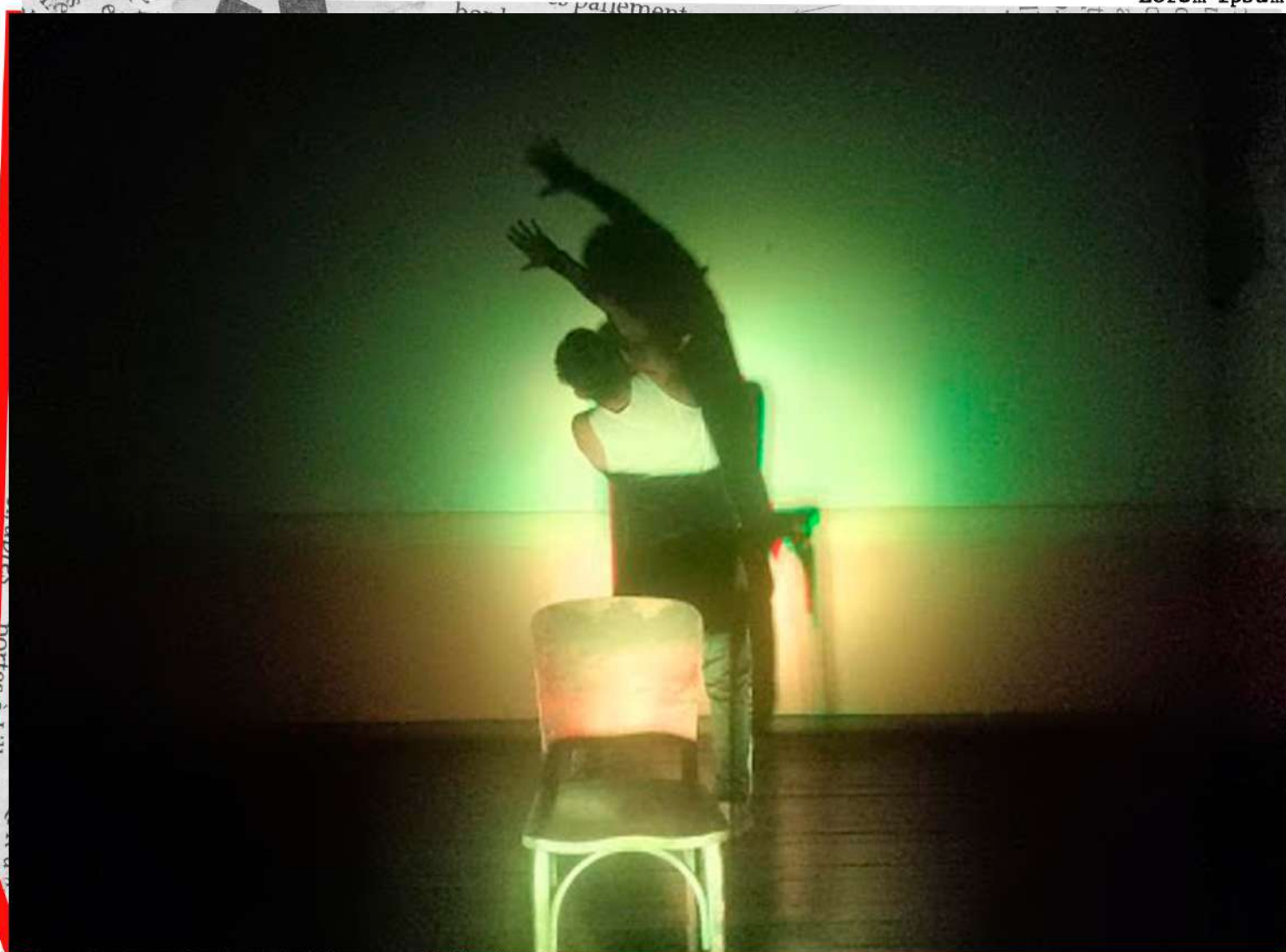


Foto 62: experimentação de luz e
marcação da cena

Fonte: Acervo pessoal.

Autorretrato



Foto 63: experimentação de luz e
marcação da cena

Fonte: Acervo pessoal.

Autorretrato



Foto 64: experimentação de luz e
marcação da cena
Fonte: Acervo pessoal,
Autorretrato

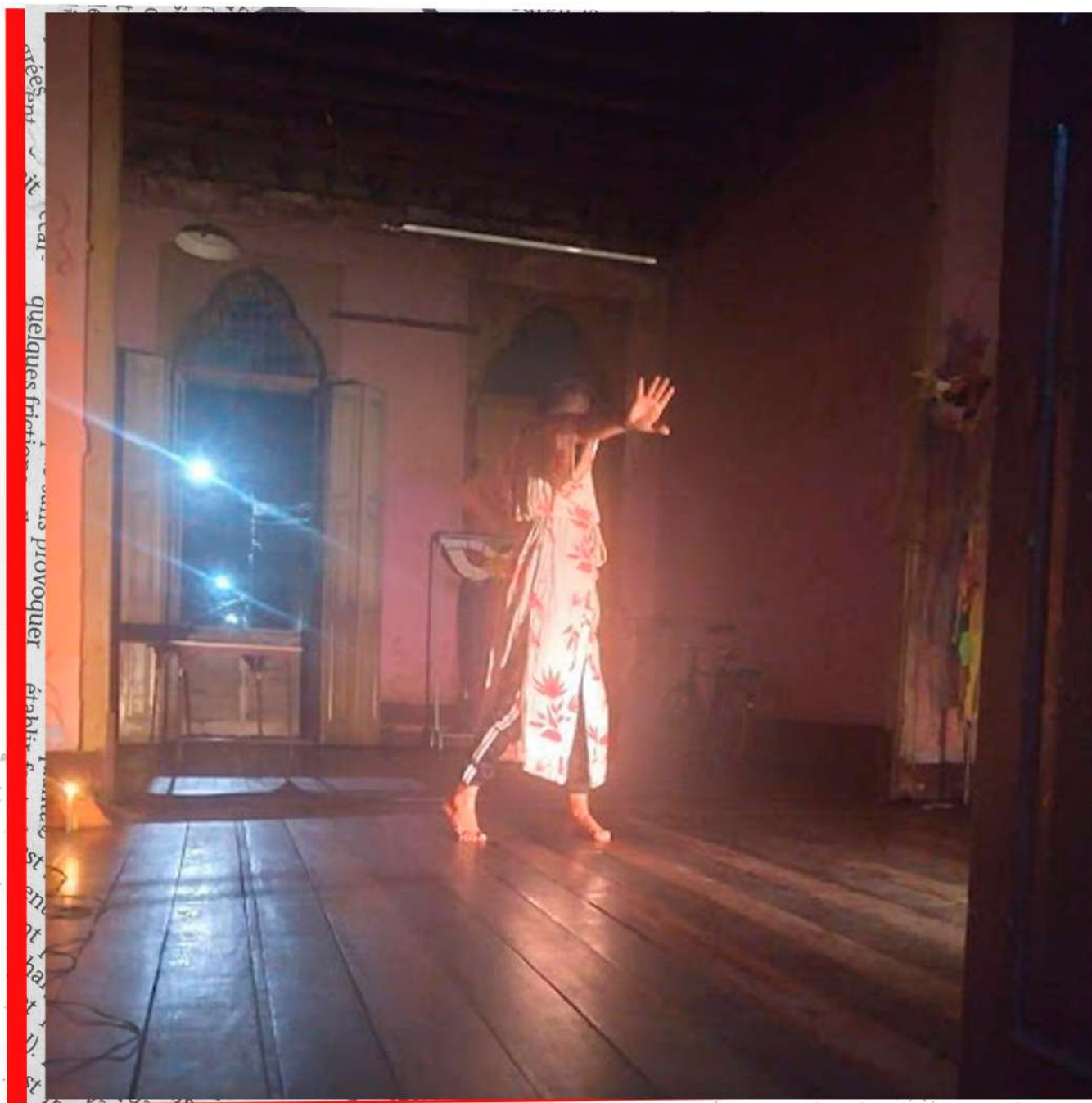


Foto 65: Composição corporal
cena O Tao do Max
Fonte: Acervo pessoal.
Foto: Carlos Hernandez

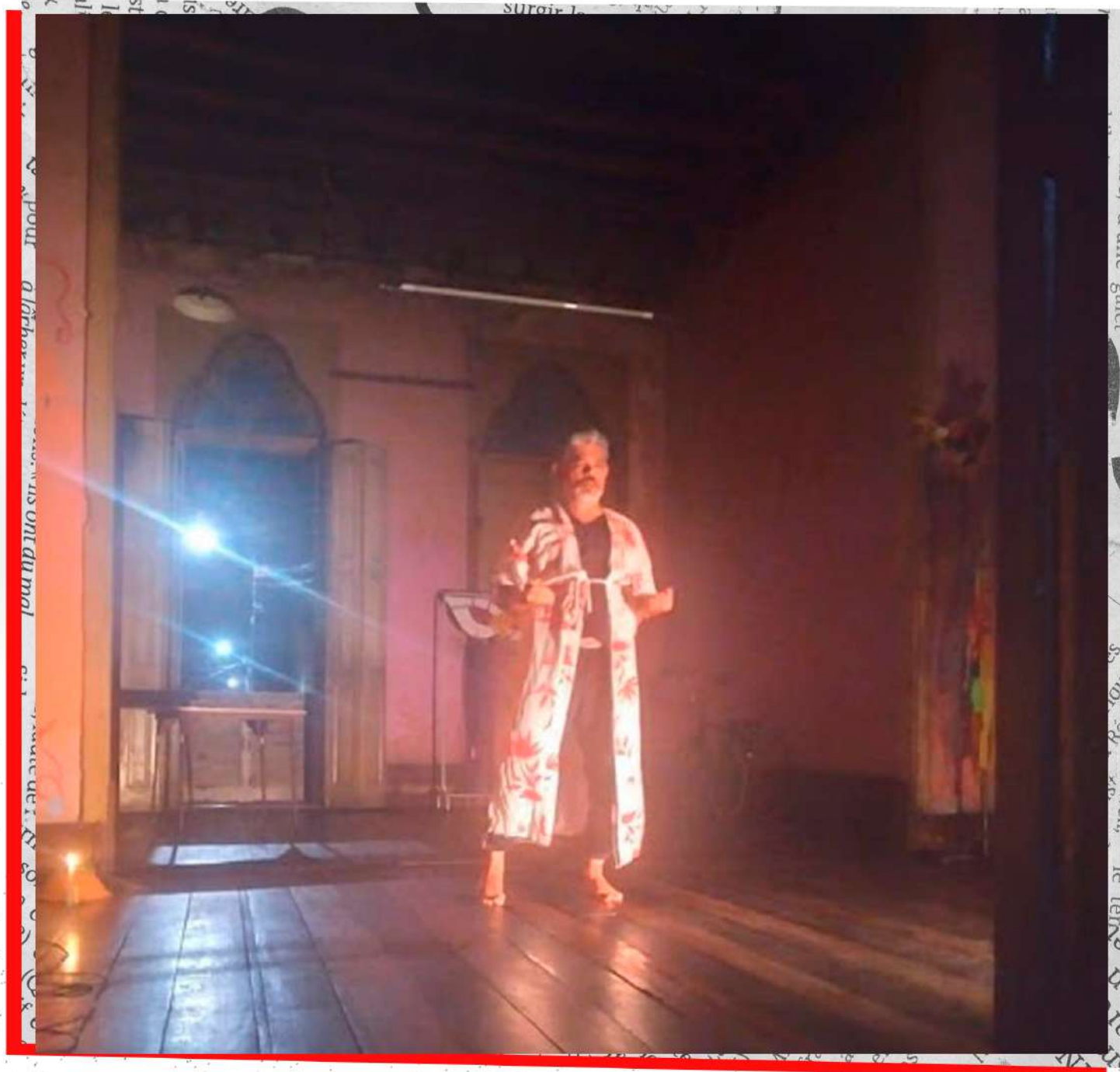


Foto 66: Composição corporal
cena O Tao do Max
Fonte: Acervo pessoal.
Foto: Carlos Hernandez



Foto 67: Composição corporal
cena O Tao do Max
Fonte: Acervo pessoal.
Autorretrato



Foto 68: Ensaios do espetáculo
Para ter onde ir
Fonte: Acervo pessoal.
Autorretrato



Foto 69: Ensaios do espetáculo
Para ter onde ir
Fonte: Acervo pessoal.
Autorretrato



Foto 70: Ensaios do espetáculo
Para ter onde ir
Fonte: Acervo pessoal.
Autorretrato



Foto 71: bastidores da cena
A Cabana: portal do que será?
Fonte: Acervo pessoal
Foto: Carol Abreu

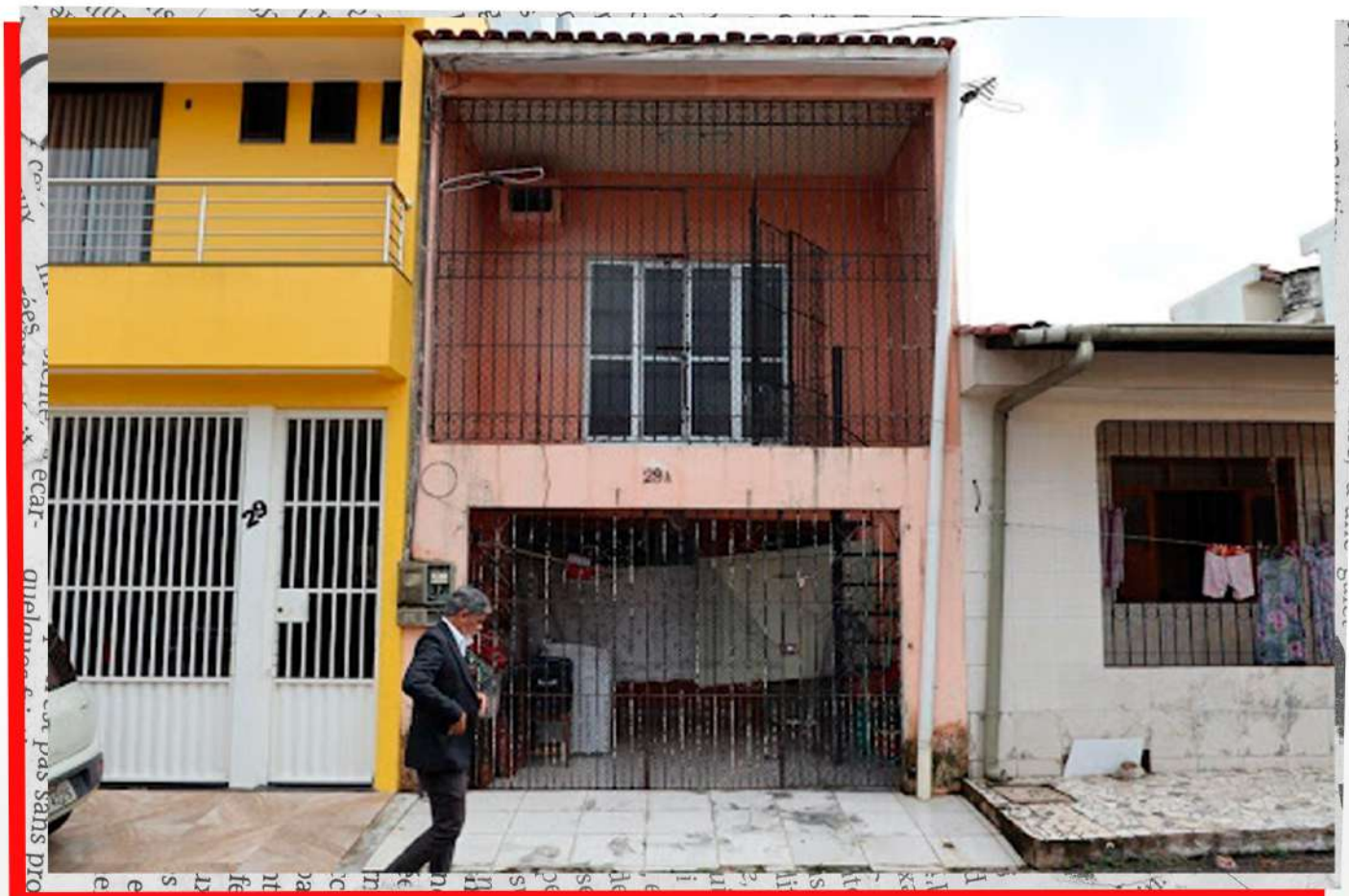


Foto 72: bastidores da cena A Cabana: portal do que será?
 Fonte: Acervo pessoal Foto: Carol Abreu

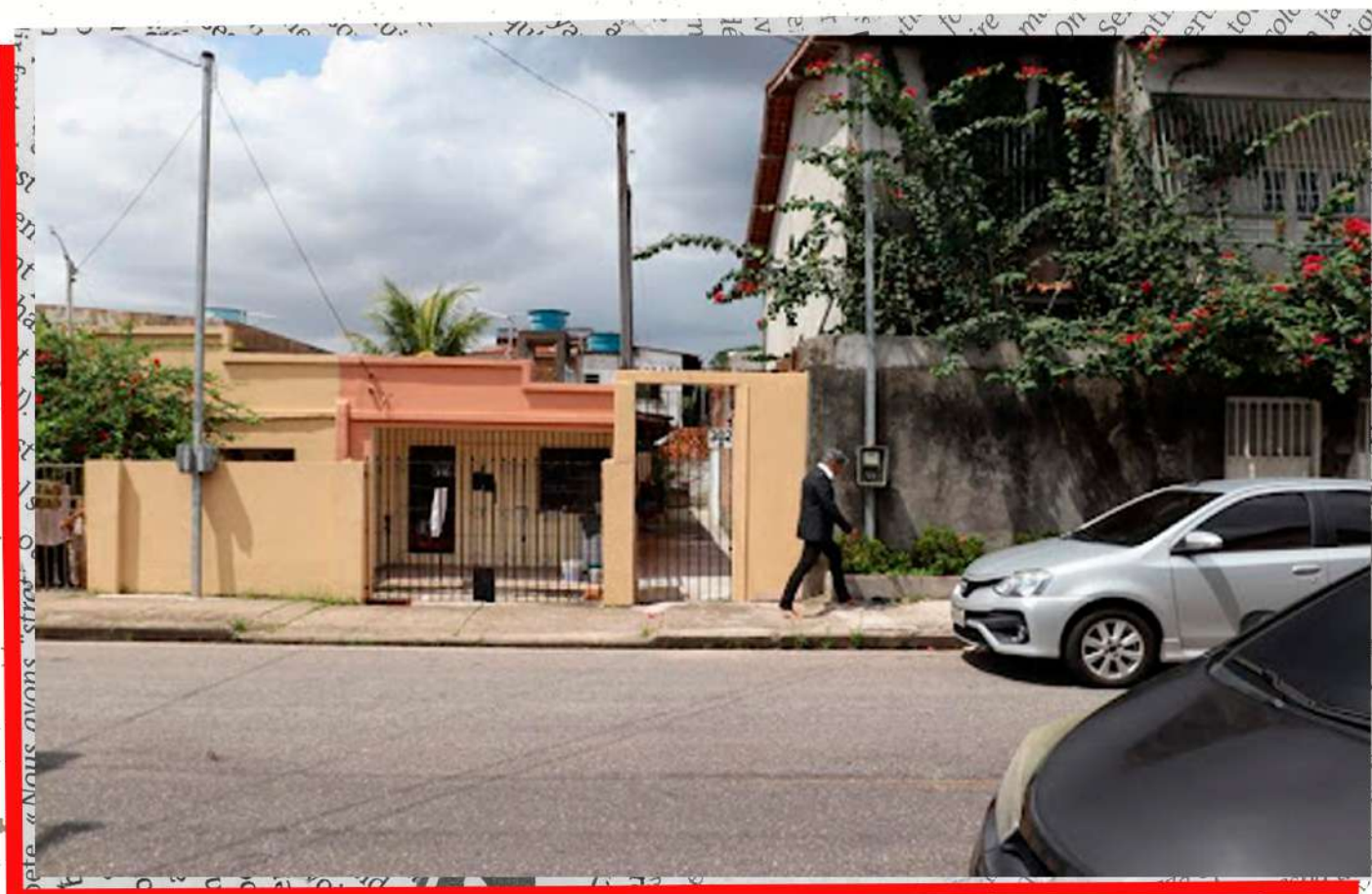


Foto 73: bastidores da cena A Cabana: portal do que será?
 Fonte: Acervo pessoal Foto: Carol Abreu



Foto 74: bastidores da cena A Cabana: portal do que será?
 Fonte: Acervo pessoal Foto: Carol Abreu



Foto 75: bastidores da cena A Cabana: portal do que será?
 Fonte: Acervo pessoal Foto: Carol Abreu



Foto 76: bastidores da cena
A Cabana: portal do que será?
Fonte: Acervo pessoal
Foto: Carol Abreu



Foto 77: bastidores da cena
Uma Outra Estação - de passagem
Fonte: Acervo pessoal
Foto: Carol Abreu



Foto 78: bastidores da cena Uma Outra Estação - de passagem
 Fonte: Acervo pessoal Foto: Carol Abreu



Foto 79: bastidores da
 cena
 Uma Outra Estação -
 de passagem
 Fonte: Acervo pessoal
 Foto: Carol Abreu

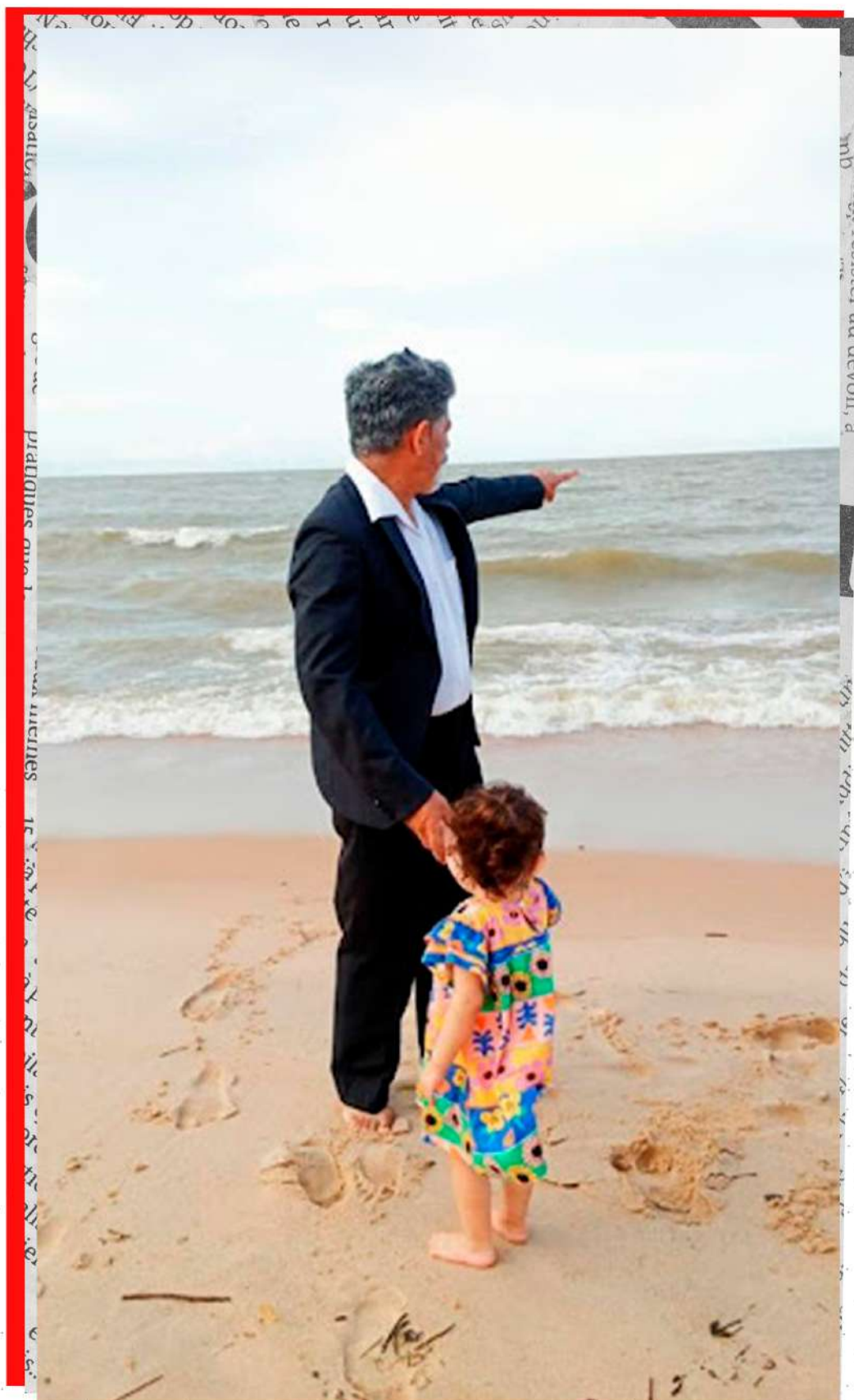


Foto 80: bastidores da cena
para ter onde ir.
Mosqueiro, DEZ/2022
Fonte: Acervo pessoal.
Foto: Luciana Malcher

REFERÊNCIAS OU "UM RAMO DE LOUCURA"

Livros

ARAÚJO, António. A gênese da vertigem: o processo de criação de o paraíso perdido. São Paulo: Perspectiva:Fapesp,2011.

BACHELARD, Gaston. A poética do espaço.
2ª edição. São Paulo. Martins Pontes, 2008.. BARBA,
Eugenio. A canoa de papel: tratado de antropologia teatral. São Paulo,
Hucitec, 1993.

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas.
10ª edição. Rio de Janeiro. Civilização Brasileira, 2010.

BOGART, Anne; LANDAU, Tina. O livro dos viewpoints: um guia prático
para viewpoints e composição.
1ª edição. São Paulo. Perspectiva, 2017.

BONFITTO, Matteo. O ator compositor: as ações físicas
como eixo: de Stanislávski a Barba. São Paulo. Perspectiva, 2006.

BURNIER, Luís Otávio. A arte de ator: da técnica à representação.2ª edição.
Campinas, SP. Editora da Unicamp, 2009.

CARREIRA, André. Teatro de rua: (Brasil e Argentina nos anos 1960) uma
paixão no asfalto. São Paulo. Hucitec, 2007.

CARREIRA, André. Teatro de invasão do espaço urbano: a cidade como
dramaturgia. 1ª edição. São Paulo. Hucitec, 2019.

COELHO, Teixeira. Antonin Artaud. 2ª edição.
São Paulo. brasiliense, 1983.

COHEN, Renato. Performance como linguagem. 3ª edição. São Paulo. Perspectiva,
2019. COURTNEY, Richard. Jogo, teatro & pensamento. 2ª edição. São Paulo.
Perspectiva, 2001.

GOMES, Vanéssia. Cicatriz: desmontagem de uma trajetória em teatro de rua.
1ª edição. Fortaleza. Expressão Gráfica e Editora, 2011.

GROTOWSKI, Jerzy; FLASZEN, Ludwik. O Teatro laboratório de Jerzy
Grotowski 1959- 1969. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva, 2010.

LABAN, Rudolf. Domínio do movimento. São Paulo. Summus, 1978. LEHMANN,
Hans-Thies. Teatro pós-dramático. 1ª edição. Cosac Naify, 2007. MARTINS, Max. Para ter onde ir. Belém. Ed.Ufpa,

PAVIS, Patrice. Dicionário de Teatro. 2ª edição. São Paulo. Perspectiva, 1999.

TSE, Lao. Tao te ching: o livro do caminho e da virtude.8ª edição. Rio de Janeiro. Mauad X, 2019.

FOX, Jonathan. O Essencial de Moreno: textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade.
São Paulo: Ágora, 2002.

REBOUÇAS, Evil. A Dramaturgia e a encenação no espaço não convencional
https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=JES5Wkj1VK4C&oi=fnd&pg=PA11&dq=Teatro+em+espa%C3%A7os+n%C3%A3o+convencionais&ots=P-kdG48dxv&sig=r2j9Mqs-nzjF_Bk-Flrd6Zjr58c#v=onepage&q=Teatro%20em%20espa%C3%A7os%20n%C3%A3o%20convenconais&f=false

- Dissertações ou Teses

COLLA, Ana Cristina. Da minha janela vejo: relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no Lume. Campinas, 2003. Número de páginas 215f. Dissertação de mestrado. Instituto de Artes da UNICAMP, Universidade Estadual de Campinas, 2003.

DA SILVA, Jaime Barradas. Corpo em Trânsito: a poética do teatro do movimento da Companhia Atores Contemporâneos. Belém, 2014. Número de páginas 194f. Dissertação de mestrado em Artes. Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.

LIMA, Wladilene de Sousa. O Teatro ao Alcance do Tato: uma poética encravada nos porões da cidade de Belém do Pará. Bahia, 2008. Número de páginas 249f. Tese de doutorado em Artes Cênicas. Programa de Pós Graduação em artes cênicas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008

SOUZA JÚNIOR, Enoque Paulino de. Isso não é um poema: das luminosidades de si. Belém, 2021. Número de páginas 125f. Dissertação de mestrado em artes. Instituto de Ciências da Arte, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021.

-Artigo em Periódico

ARAÚJO, Antônio. A encenação performativa, São Paulo, Sala Preta, Abril, 2009.

KASTRUP, Virgínia e PASSOS, Eduardo. Cartografar é traçar um plano comum. Dossiê Cartografia: Pistas do Método da Cartografia - Vol. II · Fractal, Rev. Psicol. 25 (2) · Ago 2013

-Trabalhos publicados online

-AZEVEDO, Bonnie e FINAI, Ronaldo. Max Weber e a nova economia institucional: normas e convenções em Ax <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-42552/>

-CAVALCANTE, Vasco. Cultura Pará, 2006. Disponível em <http://www.culturapara.art.br/teatro/atorescontempor>
<https://parawebnews.com/terminal-rodoviario-de-bel-em-podera-voltar-a-funcionar-a-partir-deste-sabado-04/>
<https://www.oestadodopara.com/noticia.asp?id=6093>

Porto Editora - Alfred Jarry na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2023-01-05 00:36:36]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$alfred-jarry](https://www.infopedia.pt/$alfred-jarry). Acesso em: 04/01/2023.

<http://www.ipatrimonio.org/belem-palacete-bolonha/#/map=38329&loc=-14488392522011302,-4849918842315674,15>

REBOUÇAS, Evil. A Dramaturgia e a encenação no espaço não convencional
https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=JES5Wkj1VK4C&oi=fnd&pg=PA11&dq=Teatro+em+espa%C3%A7os+n%C3%A3o+convencionais&ots=P-kdG48dxv&sig=r2j9Mqs-nzjF_Bk-Flrd6Zjr58c#v=onepage&q=Teatro%20em%20espa%C3%A7os%20n%C3%A3o%20convencionais&f=false

<https://www.nationalgeographicbrasil.com/historia/2022/11/o-que-significa-o-yin-yang>

ROCHA, Victor. *Homus eroticus: comunhões emocionais*. Revista Mídia e Cotidiano, v. 13, n. 2, 2019. file:///C:/Users/leone/Downloads/34782-Texto%20do%20Artigo-117064-1-10-20190830.pdf

-Músicas contidas neste memorial:

- Valsinha (Chico Buarque);
- Palavra de Mulher (Elba Ramalho);
- Goodbye Blue Sky (Pink Floyd);
- Nobody home (Pink Floyd)
- Nas Ruas (Iral)
- Coração Selvagem (Belchior)
- Prelúdio do recomeço (José Maria Bezerra-)
- The Man Who Sold The World (David Bowie)
- A Montanha Mágica (Legião Urbana)
- Sonhar com quê (Iral)

-Contos citados neste memorial:

Para uma avenca partindo: <https://www.pensador.com/frase/NzU3NzE2/>

Banhos de Mar: <https://cronicabrasileira.org.br/cronicas/12670/banhos-de-mar>

O Homem da Flor na Boca: <https://pt.slideshare.net/silvioselva/luigi-pirandelloohomemdafloranabocatradeduardomunizelvaropilares-34523251>

Anexos

Encaminhei aos integrantes da Cia. De Teatro Madalenas 4 questões para serem respondidas a fim de compor esse memorial. Dos 6 integrantes, apenas 3 responderam.

As perguntas:

- 1) Como você se vê nas Madalenas?
- 2) Qual a relevância das Madalenas no seu fazer artístico?
- 3) Quais suas aspirações nas Madalenas?
- 4) Qual a imagem que melhor lhe representa nas Madalenas?

As respostas:

Tainah Fagundes:

1) Eu me vejo como uma pessoa de olhar estratégico dentro da companhia. Que traz o olhar de inovação, de articulação, de rede. minha ida para São Paulo me fez ampliar o olhar, a compreensão de dimensão de planejamento e de gestão.

2) Não sou artista, sou produtora, mas eu acho que as Madás, eu sempre digo pro meu olhar é também o que eu sou de coletivo, também aprendi nas Madalenas. O fazer em grupo, o decidir junto, o pensar e não atuar dentro de um olhar hierárquico. E mesmo a gente tendo perfis de líderes, lideranças dentro da companhia, a gente sempre decide, atua, planeja, executa junto e por hora as vezes de algo ruim isso mas no geral isso me constitui assim me formou. Minha visão de mundo. Desse olhar, de grupo mesmo, né? De como que as madás se organiza. Então aprendi muito. E reforço isso também que é uma relação de troca. Eu acho que eu também tenho isso e dentro companhia isso também é estabelecido. Então vou reforçando isso sempre. Outra coisa que eu acho que é o olhar mais político, de uma visão, de posicionamento, mais articulado de uma discussão participativa e atuante na cidade, nas questões sociais do Brasil, assim que a gente está sempre envolvido. Eu acho que isso reflete em mim e reflete as Madalenas. Eu acho que a gente é um pouco disso. Desde jovem dentro das Madalenas, então meio confuso o que separa de mim do que é das madás e assim mesmo não sendo artista. Mas tem alguns anos assim, que eu não estou tão, tão, tão presente mas vejo que entendo e respiro os valores, as Madalenas assim e que uma hora são meus e se confundem assim com os das Madás.

3) Eu acho que as madás tinha tudo pra ser um grupo referência nacionalmente, pelo olhar, pela pela forma como se vê como grupo, Porque desse tempo que pede pra falar de coletivo, de coletividade de de trabalho muito mais articulado... compartilhado. Mas a gente não consegue por conta das vidas paralelas, pessoais. Porém, acho que a gente pode ainda ser essa reconferência nas construções de trabalhos que ecoam a Amazônia. Desse pensamento político, social, crítico que a gente tanto tem sobre Amazônia ou enquanto indivíduo, enquanto a amazônida individualmente. Então acho que a gente pode trazer mais isso pras Madalenas. E acredito que é disso que a gente está precisando. E é por isso também me faz manter dentro dela, além, é claro, das pessoas que eu confio, que eu admiro porque temos pensamentos, visões de mundo comuns, parecidos, complementares.

4) A imagem do choque, do Paixão Barata & Madalenas. Nela eu vejo comunhão, vejo conexão, vejo confiança. Acho que é isso.

Carol Abreu:

1) Eu me sinto muito privilegiada em ser membro de uma cia que tem uma trajetória tão atuante na cena, com pessoas dedicadas em produzir, ao fazer artístico, considerando que sou um ser de corpo estático, porém do olhar ativo. Na cia, lido com artistas maduros, no qual aprendi e aprendo bastante sobre coletividade, rede, amizade, teatro, projetos e processos. O detalhe, de não ser o ser dos palcos e holofotes, me leva ao meu palco, quando faço os registros fotográficos que marcam momentos e fragmentos da história da cia. Decoro as cenas, os passos, com um outro olhar, mas o sentimento de pertencimento é real. Nunca imaginei atuar num grupo de teatro, mesmo atuando na fotografia e no design, onde minha voz, que não é a cênica, é sempre reverberada.

2) A formalização da minha participação é recente, no grupo, que acompanho há mais de 10 anos. Começou com um jogo espontâneo de montagens fotográficas, no espetáculo Corpo Santo (que se tornou uma campanha) e, como no caso do Marahu, minha participação se desenvolveu na criação de um fragmento do espetáculo, com projeções em vídeo. Acredito que essas provocações me movem e dialogam com meu trabalho autoral e meus exercícios poéticos, além de uma lida de construção coletiva, onde todas as vozes dos membros da cia tem relevância, confluências.

3) Acredito e quero sempre contribuir com a visualidade da cia. Sinto satisfação em produzir o material visual, e ainda desejo alguns desdobramentos como uma publicação, em que eu possa diagramar e conduzir, dirigir um documentário, e me manter colaborando na produção de espetáculos com projeções, mappings, sonoridades, projetos, portfólios.

4) A imagem do Paixão barata, aquele antigo cartaz dos vários corpos dançantes, na minha opinião, é a marca e marca, além da identidade, o marco histórico desta cia. Eu me vejo como olhos fechados tateando corpos, luzes e memórias de uma companhia em ação.

Marta Ferreira:

1) Como uma atriz que tem o privilégio de ter um grupo que se apoia, mas que principalmente tem um afeto verdadeiro.

2) Aprendizagem com os processos criativos coletivos. Auto- conhecimento...

3) Desejo que possamos dar três passos muito importantes: Encontrar uma/um produtor que nos acompanhe nas construções coletivas com ambição e ousadia; Construir um novo espetáculo com pesquisa e relevância política para a nossa cidade/país e Conquistar um prêmio de circulação nacional.

4) Uma baleia.